

O HEBRAICO É A LÍNGUA ORIGINAL DA HUMANIDADE?

Dossiê acadêmico de linguística histórica, filologia semítica, epigrafia e história intelectual

A Bíblia em Análise — David Tetzlaff

Edição de pesquisa — agosto de 2026

SUMÁRIO NAVEGÁVEL

Nota editorial e escopo

Resumo executivo

1. Definição da hipótese

2. Metodologia

3. Estado atual da pesquisa

4. História linguística do hebraico

5. Posição filogenética do hebraico

6. Proto-Semítico

7. Proto-Afro-Asiático

8. Evidência epigráfica: quando existe hebraico propriamente dito?

9. Línguas documentadas anteriores ao hebraico

10. Hebraico e outras línguas cananeias

11. O acadiano como teste crítico

12. Sumério

13. Origem da linguagem humana

14. História intelectual da língua adâmica

15. Gênesis 2, 10 e 11

16. Teste dos argumentos populares favoráveis

17. Falsificabilidade e comparação de modelos

18. Evidências contrárias organizadas por categoria

19. O que não pode ser provado

20. Árvore filogenética acadêmica

21. Linha do tempo: ~10.000 a.C. a ~500 a.C.

22. Tabela comparativa consolidada

23. Conclusão e veredito

Bibliografia acadêmica

Apêndice A. Escala de confiança usada

Apêndice B. Checklist para avaliar novas alegações etimológicas

Nota editorial e escopo

Este dossiê testa, e não simplesmente rejeita, a afirmação de que o hebraico teria sido a primeira língua humana, a língua de Adão, a língua universal anterior à Torre de Babel ou a matriz histórica de todas as línguas. A investigação separa afirmações teológicas, interpretações do texto bíblico e hipóteses empiricamente testáveis. O padrão de prova aplicado ao hebraico é o mesmo usado para qualquer proposta de parentesco linguístico: correspondências fonológicas regulares, morfologia comparável, reconstruções intermediárias, cronologia compatível e documentação histórica.

As datas são aproximadas. “a.C.” e “d.C.” indicam a era comum tradicional; o símbolo “~” assinala aproximação; intervalos largos expressam incerteza real. Uma data de divergência reconstruída não é a data do primeiro texto preservado. Uma escrita não é uma língua. Uma proto-língua reconstruída não é um documento descoberto.

Pergunta central: o modelo “todas as línguas descendem do hebraico” explica os dados de modo mais completo e econômico que o modelo acadêmico no qual o hebraico é uma variedade cananeia da Idade do Ferro, descendente de ancestrais semíticos e afro-asiáticos mais antigos?

Resposta resumida: não. A documentação, a filogenia e as correspondências regulares oferecem evidência positiva incompatível com o hebraico como ancestral das demais línguas semíticas, e não apenas ausência de prova. Isso, porém, não identifica qual teria sido a primeira língua falada pela humanidade — questão que permanece fora do alcance dos dados disponíveis.

Resumo executivo

Resultado em uma página

O hebraico é uma língua semítica noroeste do grupo cananeu. Ele compartilha com fenício, moabita, amonita e edomita inovações herdadas de ancestrais comuns, ao mesmo tempo que possui mudanças próprias. O acadiano e o eblaíta, ramos semíticos orientais, estão documentados aproximadamente um milênio e meio antes dos primeiros textos inequivocamente hebraicos. Sumério e egípcio possuem documentação escrita ainda mais antiga. Isso não faz dessas línguas “as primeiras línguas faladas”, mas invalida a afirmação de que o hebraico é a língua escrita mais antiga conhecida.

O Proto-Semítico é uma reconstrução comparativa anterior à diferenciação entre acadiano, línguas semíticas noroestes, árabe e grupos semíticos meridionais. Ele é situado, com larga margem de incerteza, antes ou por volta do fim do IV milênio a.C. Nenhuma língua filha preserva todo o sistema reconstruído. O hebraico fundiu consoantes que ugarítico e árabe mantiveram distintas, perdeu o sistema produtivo de casos nominais preservado em acadiano, ugarítico e árabe clássico, restringiu o dual e participou de inovações cananeias, como a mudança de *ā para ō em contextos definidos. Esses fatos têm a forma esperada quando línguas-irmãs descendem de um ancestral comum; não têm a forma esperada se acadiano, árabe e ugarítico derivassem do hebraico.

O Afro-Asiático reúne, em sua delimitação mais comum, semítico, egípcio, berbere, cuchítico, chádico e, em muitas classificações, omótico. A inclusão e a posição do omótico são controversas, assim como a árvore interna, a data e a região de origem do Proto-Afro-

Asiático. Justamente por ser muito mais remoto, sua reconstrução é menos segura que a do Proto-Semítico. Nenhuma reconstrução acadêmica identifica o Proto-Afro-Asiático com o hebraico.

Gênesis 11:1 menciona “uma só língua” ou, literalmente, “um só lábio”, mas não a chama de hebraico. Gênesis 2 contém jogos de palavras hebraicos — *’ādām/’ādāmā*, *’iš/’iššā*, *Ḥawwā/ḥāyā* — que demonstram a arte literária do texto hebraico recebido. Eles não demonstram, sem premissas adicionais, qual idioma personagens primevos teriam falado. Gênesis 10 já distribui povos “segundo suas línguas”, criando uma relação literária complexa com Gênesis 11; a análise histórico-crítica explica essa relação por tradições e camadas composicionais, embora harmonizações teológicas continuem possíveis.

A ideia de uma língua adâmica hebraica possui história intelectual importante. Há tradições rabínicas que favorecem a “língua santa”, mas também uma tradição talmúdica segundo a qual Adão falava aramaico. Agostinho defendeu explicitamente que a língua original, preservada na linhagem de Héber, veio a chamar-se hebraica. A hipótese dominou partes da erudição cristã medieval e moderna inicial, mas perdeu o estatuto de conclusão filológica quando o método comparativo passou a exigir correspondências regulares e reconstruções controladas.

Matriz das sete proposições

Proposição	Tipo de afirmação	Resultado do teste	Confiança
1. O hebraico foi a primeira língua humana	Histórico-científica, mas sem registro direto possível	Não sustentada; a primeira língua não pode ser identificada e a história recuperável do hebraico é tardia	Muito alta
2. Adão e Eva falaram hebraico	Teológica e, se tomada literalmente, histórica	Não há evidência linguística independente; personagens não são linguisticamente acessíveis	Alta quanto à ausência de demonstração; a afirmação metafísica é não testável
3. A língua pré-Babel era hebraico	Exegética e histórica	Gênesis não nomeia o idioma; a identificação é tradição interpretativa posterior	Muito alta
4. Todas as línguas descendem do hebraico	Hipótese filogenética testável	Incompatível com árvores independentes, correspondências regulares e cronologia	Muito alta
5. O hebraico é a língua histórica mais antiga conhecida	Histórico-documental	Falso no sentido documentável: sumério, egípcio, acadiano e outras são atestadas antes	Muito alta
6. O hebraico é a língua escrita mais antiga conhecida	Epigráfica	Falso: escrita mesopotâmica e egípcia antecede os registros hebraicos em cerca de dois milênios	Muito alta
7. O hebraico preserva traços primordiais	Comparativa	Preserva arcaísmos semíticos, como toda língua filha, mas também inovações; “arcaico” não significa “primeiro humano”	Muito alta

Veredito executivo

Veredito acadêmico: o hebraico não é demonstravelmente a língua original da humanidade e os dados positivos da linguística histórica são incompatíveis com ele como ancestral das demais línguas semíticas, afro-asiáticas ou mundiais. A explicação mais bem sustentada é que o hebraico emergiu dentro do contínuo cananeu no Levante meridional, tornando-se claramente identificável em documentação da Idade do Ferro. A tradição da língua adâmica pertence à história da interpretação religiosa; ela não é uma conclusão do método comparativo.

1. Definição da hipótese

As sete proposições não são equivalentes. Uma língua pode ser muito antiga sem ser ancestral de todas as outras; pode ser a língua de um texto sagrado sem ter sido a língua histórica dos personagens; pode conservar formas arcaicas sem ser a proto-língua; e pode utilizar uma escrita antiga sem ser a língua para a qual essa escrita foi originalmente criada.

1.1 Primeira língua humana

Esta proposição afirma prioridade absoluta no tempo. Para testá-la seria necessário conectar o hebraico histórico — conhecido por inscrições e manuscritos — a um estágio situado dezenas ou centenas de milhares de anos antes da escrita. O método comparativo não alcança essa profundidade com segurança. A hipótese, na forma absoluta, excede a resolução dos dados; na forma “o hebraico histórico já existia no início da linguagem”, entra em conflito com a genealogia semítica recuperável.

1.2 Língua de Adão e Eva

Esta é uma afirmação teológica quando “Adão” designa uma figura primordial fora do alcance da documentação. Torna-se histórica apenas se forem fornecidos critérios independentes para situar as personagens, datar sua existência e recuperar sua fala. Jogos de palavras no narrador hebraico não constituem, por si, esse elo independente.

1.3 Língua única anterior a Babel

Gênesis 11 afirma unidade linguística no mundo narrativo, mas não nomeia a língua. “Era hebraico” é uma inferência tradicional, não uma frase do texto. Mesmo que alguém aceite teologicamente uma língua pré-Babel, ainda precisa demonstrar por que ela seria idêntica ao hebraico da Idade do Ferro.

1.4 Matriz de todas as línguas atuais

Esta é a afirmação mais claramente falsificável. Ela prevê que famílias como indo-europeia, sino-tibetana, austronésia, nígero-congolesa e dravídica possam ser derivadas do hebraico por séries regulares de mudanças, com vocabulário básico, morfologia e estágios intermediários explicáveis. As previsões não se confirmam.

1.5 Língua histórica mais antiga conhecida

“Mais antiga” pode significar: primeiro registro escrito; maior continuidade de uso; texto literário mais antigo; ou estágio reconstruído mais profundo. Esses critérios produzem

respostas diferentes. No critério verificável de primeiro registro, o hebraico não é o mais antigo.

1.6 Língua escrita mais antiga

Língua e escrita devem ser separadas. O alfabeto paleo-hebraico é uma variante regional da tradição alfabética linear do Levante, descendente de alfabetos anteriores. A adoção de um sistema gráfico não torna a língua que o emprega ancestral das línguas escritas com sistemas aparentados.

1.7 Preservação de uma língua primordial

O hebraico conserva traços arcaicos semíticos, mas também acadiano, árabe, ugarítico, ge'ez e línguas sul-arábicas modernas conservam traços que o hebraico perdeu. Uma língua pode ser conservadora em um subsistema e inovadora em outro. “Preservar um arcaísmo” não equivale a “ser o ancestral”.

2. Metodologia

2.1 Como se demonstra parentesco linguístico

O método comparativo reúne formas de línguas cuja relação é suspeitada, estabelece correspondências sonoras recorrentes e reconstrói o sistema mais econômico capaz de gerar os reflexos observados. A unidade de prova não é uma palavra isolada, mas uma série de correspondências em vocabulário básico e morfemas gramaticais, sob condições fonológicas repetíveis. Reconstruções são hipóteses inferenciais marcadas por asterisco — por exemplo, Proto-Semítico *bayt- “casa” — e não transcrições de gravações antigas (Rankin 2003; Campbell 2013; Munteanu 2022).

Uma relação convincente deve explicar simultaneamente:

sons: por que um fonema ancestral produz resultados regulares em cada ramo;

morfologia: pronomes, flexões nominais e verbais, plural, gênero, caso e concordância;

léxico básico: partes do corpo, parentesco, números, ações elementares e elementos naturais;

distribuição: onde e quando as variedades são atestadas;

inovações compartilhadas: mudanças improváveis ocorridas apenas num subgrupo;

exceções: empréstimos, analogia, tabu, onomatopeia e falhas documentais.

2.2 Vocabulário técnico indispensável

Termo	Definição operacional	O que não demonstra sozinho
Semelhança accidental	Parecido limitado sem padrão recorrente; inevitável entre milhares de formas curtas	Parentesco
Empréstimo	Forma transferida por contato, frequentemente com objeto, tecnologia, religião ou prestígio	Ancestralidade comum de toda a gramática
Cognatos	Formas herdadas de um ancestral comum, demonstradas por correspondências regulares	Identidade sonora perfeita

Termo	Definição operacional	O que não demonstra sozinho
Correspondência fonológica regular	Relação recorrente entre sons em posições comparáveis, por exemplo PS *θ > hebraico š, mas árabe θ	Que toda exceção seja impossível
Ancestralidade linguística	Transmissão intergeracional de um sistema, com mudanças acumuladas	Que povos ou genes sejam idênticos
Contato linguístico	Influência entre comunidades bilíngues: empréstimo, convergência estrutural, calque	Filiação genealógica necessária
Sprachbund	Área em que línguas, inclusive não aparentadas, convergem por contato prolongado	Origem em uma única língua recente
Língua documentada	Língua acessível por inscrições, manuscritos ou gravações	Momento em que começou a ser falada
Língua reconstruída	Modelo inferido a partir de descendentes	Texto realmente preservado
Proto-língua	Ancestral comum reconstruído de um conjunto de línguas	“Primeira língua humana”

2.3 Controles contra falsa etimologia

Palavras curtas e significados vagos geram muitas semelhanças por acaso. Para testar uma proposta “X deriva do hebraico”, foram aplicados cinco controles: (1) forma antiga, não apenas pronúncia moderna; (2) sentido histórico, não associação livre; (3) correspondência em dezenas de conjuntos; (4) morfologia e gramática, não apenas substantivos; (5) rota cronológica e geográfica plausível. Sem esses controles, trocar, omitir ou inverter sons conforme a necessidade torna qualquer língua “derivável” de qualquer outra.

2.4 Reconstrução, filogenia e glotocronologia

Árvores linguísticas representam hipóteses sobre inovações compartilhadas. Elas não negam contato, dialetos em rede ou fronteiras graduais. Para o semítico, alguns nós são robustos — semítico oriental versus os demais, cananeu, aramaico — enquanto a posição precisa do ugarítico, a estrutura do semítico ocidental e a relação entre certos ramos meridionais permanecem debatidas (Rubin 2008; Pat-El e Wilson-Wright 2018; Huehnergard e Pat-El 2019).

A glotocronologia clássica presume taxas relativamente constantes de substituição lexical. Essa premissa falha com frequência: taxas variam por língua, época, domínio semântico e contato. Métodos bayesianos modernos podem comparar cenários quando possuem dados codificados e calibrações independentes, mas não transformam datas profundas em certezas. Neste dossiê, datas de proto-línguas são intervalos orientadores, não “anos de nascimento” (Gray et al. 2011; Heggarty 2014).

2.5 Hierarquia de evidências

Foram priorizados estudos revisados por pares, capítulos e monografias de Cambridge, Oxford, Brill, De Gruyter e Routledge; descrições linguísticas de especialistas; corpora epigráficos; e fontes primárias para a história intelectual. Páginas apologéticas foram usadas somente para formular a versão atual dos argumentos populares, jamais como

autoridade para datas ou classificações. Quando uma classificação ou data é disputada, o desacordo é explicitado.

3. Estado atual da pesquisa

Existe consenso muito amplo sobre quatro pontos: (1) hebraico é semítico; (2) dentro do semítico, pertence ao conjunto cananeu do noroeste; (3) as línguas semíticas descendem de um ancestral reconstruído anterior ao hebraico; (4) não há método aceito que derive todas as famílias do mundo do hebraico. O debate acadêmico ocorre nos detalhes da árvore interna, da datação e da localização de proto-línguas, não sobre uma genealogia mundial hebraica.

Há também consenso de que registros escritos são amostras tardias da história da linguagem. A capacidade linguística humana e as línguas faladas antecedem a escrita por um intervalo enorme. Portanto, a ausência de textos de uma língua não prova que ela não existia; inversamente, a existência de um texto não prova que aquela língua seja a primeira já falada.

Três zonas de incerteza merecem destaque:

Hebraico mais antigo: inscrições do século X a.C., como Gezer e Khirbet Qeiyafa, são disputadas quanto à classificação especificamente hebraica. Textos dos séculos IX–VIII oferecem diagnósticos mais seguros.

Proto-Semítico: a reconstrução fonológica e gramatical é sólida em linhas gerais, mas a realização fonética de algumas sibilantes e enfáticas, a 30ª consoante proposta e o local de origem permanecem debatidos.

Proto-Afro-Asiático: a profundidade temporal, a inclusão do omótico, a árvore interna, a cronologia e a pátria original são muito menos consensuais.

4. História linguística do hebraico

4.1 O que chamamos de “hebraico”

“Hebraico” cobre variedades de diferentes épocas: hebraico antigo ou epigráfico; hebraico bíblico, internamente variado e transmitido por manuscritos muito posteriores à composição de muitos textos; hebraico do Segundo Templo; hebraico de Qumran; hebraico mishnaico/rabínico; usos medievais; e hebraico moderno. Continuidade de tradição escrita não significa ausência de mudança. Pronúncia, léxico, morfossintaxe e funções sociais variaram profundamente (Sáenz-Badillos 1993; Khan 2013; Academy of the Hebrew Language 2026).

4.2 Emergência no contínuo cananeu

As variedades da Idade do Bronze no Levante formavam um contínuo semítico noroeste. As cartas de Amarna, escritas sobretudo em acadiano, preservam interferências e glosas cananeias do século XIV a.C. Elas são testemunhos de “cananeu de Amarna”, não textos hebraicos e não o ancestral linear exclusivo do hebraico. Durante a Idade do Ferro, variedades regionais tornam-se mais diagnosticáveis: fenício na costa, hebraico nos reinos de Israel e Judá, moabita a leste do mar Morto, amonita e edomita em corpora menores (Wilson-Wright 2019).

O surgimento de um nome linguístico é gradual. Uma inscrição pode estar em escrita linear cananea e conter traços compatíveis com vários dialetos. Contexto político, paleografia e língua devem ser avaliados separadamente. A classificação “hebraico” torna-se mais segura quando um texto reúne proveniência israelita/judaíta, características linguísticas diagnósticas e uma tradição gráfica regional.

4.3 Periodização sintética

Estágio	Data aproximada	Natureza da evidência
Antecedentes cananeus	~séculos XIV–XI a.C.	Glosas de Amarna e inscrições alfabéticas antigas; não são “hebraico” inequívoco
Hebraico epigráfico/antigo	~séculos IX–VI a.C.; candidatos no X	Inscrições monumentais, óstracos, selos e cartas
Hebraico bíblico	Textos compostos/editados em etapas no I milênio a.C.; manuscritos preservados mais tardios	Corpus literário heterogêneo; ortografia e vocalização transmitidas
Hebraico do Segundo Templo e Qumran	~séculos V a.C.–I d.C.	Manuscritos, documentos e variedades literárias
Hebraico mishnaico/rabínico	~séculos I–VI d.C.	Literatura legal e exegética; fala cotidiana em parte do período é debatida em detalhe
Hebraico medieval	~séculos VI–XIX	Liturgia, poesia, filosofia, ciência, correspondência
Hebraico moderno	fim do século XIX–presente	Vernacularização/revival com continuidade literária e reestruturação moderna

5. Posição filogenética do hebraico

5.1 A cadeia classificatória

Uma formulação didática comum é:

Afro-Asiático → Semítico → Semítico Ocidental → Semítico Central → Semítico Noroeste → Cananeu → Hebraico.

Essa cadeia é útil, mas seus nós não têm todos o mesmo grau de consenso.

Nível	Estatuto	Qualificação
Afro-Asiático	Muito amplamente aceito	Omótico é incluído por muitos, contestado por outros; árvore interna profunda é incerta
Semítico	Muito robusto	Definido por léxico, morfologia e correspondências extensas
Semítico Oriental	Robusto	Acadiano e eblaíta contrastam com o restante por inovações compartilhadas
Semítico Ocidental	Útil, mas sua estrutura interna é debatida	Pode funcionar como contraparte de oriental; “meridional” e “central” variam entre modelos

Nível	Estatuto	Qualificação
Semítico Central	Amplamente influente, não unanimidade absoluta	Normalmente reúne árabe e semítico noroeste por inovações verbais e outras características
Semítico Noroeste	Robusto como domínio; topologia interna debatida	Ugarítico, aramaico, cananeu, samaliano e Deir Alla; relações exatas podem ser modeladas como politomia ou subgrupos
Cananeu	Robusto	Hebraico, fenício/púnico e variedades transjordanianas compartilham inovações; fronteiras dialetais são graduais
Hebraico	Diretamente documentado	Uma variedade/continuum histórico dentro do cananeu

Rubin (2008) defende o valor do Semítico Central. Pat-El e Wilson-Wright (2018) salientam que a hierarquia interna do noroeste não está inteiramente resolvida e propõem um subgrupo aramaico-cananeu. Outros modelos mantêm aramaico, cananeu, ugarítico e variedades menores em relações menos hierarquizadas. Nenhuma dessas divergências transforma hebraico em ancestral de acadiano, árabe ou das línguas cananeias irmãs.

5.2 Irmão não é pai

Classificar hebraico e fenício como cananeus significa que ambos descendem de uma fase ancestral com inovações compartilhadas. Um paralelo biológico ajuda, com cautela: dois irmãos compartilham pais, mas um não é, por isso, pai do outro. Linguisticamente, a prova está nas mudanças: se hebraico e fenício exibem uma inovação ausente em ugarítico, a hipótese econômica é que a mudança ocorreu no ancestral cananeu; se cada um possui outras inovações exclusivas, eles se separaram depois.

Derivar fenício, moabita e amonita do hebraico exigiria reclassificar como “hebraicas” precisamente as características que definem o ancestral comum, além de explicar por que os primeiros textos regionais não passam por uma sequência intermediária hebraica documentável. O rótulo moderno de uma filha não deve ser projetado retrospectivamente sobre o ancestral.

6. Proto-Semítico

6.1 Natureza e datação

Proto-Semítico (PS) é a língua reconstruída mais recente da qual descendem os ramos semíticos documentados. Não foi encontrado em tabuletas e não deve ser confundido com uma língua “misteriosa” escrita. Como o contraste entre semítico oriental e ocidental já é visível na primeira metade do III milênio a.C., Huehnergard (2019) situa o PS, no máximo, no fim do IV milênio a.C.; propostas arqueolinguísticas frequentemente o colocam por volta de ~4500–3500 a.C. A margem é larga e não há um relógio único.

A localização é ainda mais incerta. Foram propostas a região siro-mesopotâmica, o Levante, o norte da Arábia e zonas de contato entre Nordeste da África e Sudoeste Asiático. Léxico reconstruído, arqueologia e distribuição posterior oferecem indícios, não coordenadas. A data e a pátria do PS não precisam ser resolvidas para reconhecer que ele antecede a divisão entre acadiano e hebraico.

6.2 Sistema consonantal reconstruído

A reconstrução tradicional possui 29 consoantes; algumas análises defendem uma trigésima fricativa velar/uvular enfática. Os valores fonéticos exatos de sibilantes e “enfáticas” são parcialmente incertos. A tabela usa uma notação fonética aproximada e os símbolos tradicionais mais comuns (Huehnergard 2019).

Classe	Fonemas reconstruídos (aprox.)	Observações
Oclusivas labiais	p, b	Árabe mudou *p regularmente para f; hebraico manteve p, com alofonia posterior
Oclusivas coronais	t, d, *ṭ	*ṭ representa uma enfática; realização antiga pode ter sido ejetiva/glotalizada
Oclusivas velares	k, g, *q	*q é a enfática/uvular correspondente em notação tradicional
Glotal	*ʾ /ʔ/	Pode perder-se ou modificar vogais em línguas filhas
Nasais	m, n	Amplamente preservadas, com assimilações locais
Líquidas	r, l	Há debates sobre lateral adicional em parte da reconstrução
Interdentais	ṭ /θ/, ḏ /ð/, *ṭ /θˤ~θ’/	Preservadas em árabe e parcialmente em ugarítico; fundidas no hebraico
Fricativas dorsais/faríngeas	ḫ /x~χ/, ǧ /ɣ~ʕ/, ḥ /ħ/, ʕ /ʁ/, *h	Hebraico fundiu reflexos de algumas dorsais com faríngeas
Sibilantes/africadas	s, z, š e séries tradicionalmente grafadas š/*ś	Valores precisos são debatidos; correspondências são mais seguras que os rótulos fonéticos
Semivogais	w, y	Participam de mudanças vocálicas e de raízes fracas

O sistema vocálico básico reconstruído distingue *a, i, u* breves e *ā, ī, ū* longas. Sílabas típicas eram CV, CVV e CVC, sem grupos consonantais iniciais reconstruídos. O hebraico tiberiense, com sua vocalização medieval, não reproduz diretamente esse sistema; ele registra o resultado de séculos de mudanças e de uma tradição de leitura.

6.3 Morfologia reconstruída

Entre as características reconstruídas com diferentes graus de segurança estão:

gênero masculino e feminino; o feminino frequentemente marcado por *-at-;

singular, dual e plural;

três casos nominais no singular em parte do sistema: nominativo *-u*, genitivo *-i*, acusativo *-a*, com nasalização/mimação em certos estados;

pronomes pessoais independentes e sufixos pronominais;

raízes predominantemente consonantais e padrões derivacionais;

conjugação sufixal e conjugações prefixais, cuja história interna é complexa;

construções de estado construto para posse;

ausência de um artigo definido único reconstruível para o estágio comum.

O sistema de casos é sustentado independentemente por acadiano, ugarítico, árabe clássico e ge'ez, embora com desenvolvimentos próprios (Suchard 2021). O hebraico bíblico não preserva produtivamente essas terminações. Não é metodologicamente econômico supor que línguas mais antigas “recriaram” o mesmo paradigma depois de derivarem de um hebraico sem casos.

6.4 Conjuntos de cognatos e correspondências

Significado	Forma reconstruída	Acadiano	Ugarítico	Hebraico	Árabe clássico	Diagnóstico
três	*ṭalāt-	šalāš-	ṭlt	šālōš	ṭalāt-	PS *ṭ > š em acadiano/hebraico, mas ṭ em ugarítico/árabe; ā > ō cananeu em hebraico
casa	*bayt-	bītu(m)	bt	bayit	bayt	Diftongo e vogais evoluem de modo diferente; raiz b-y-t comum
cabeça	raʾš-/raʾs-	rēšu(m)	rʾš	rōʾš	raʾs	Reflexos regulares de sibilantes e vogais; não uma cadeia hebraico → árabe
pai	ʾab(w)-	abu(m)	ʾab	ʾāb	ʾab	b intervocálico/espíritoização e terminações distintas
mãe	ʾimm-	ummu(m)	ʾum	ʾēm	ʾumm	Variação vocálica regular e morfologia herdada
filho	bin-	binu(m)	bn	bēn	ibn/bin	Mudanças vocálicas e prótese árabe em certos contextos
mão	yad-	qātu(m) é o termo comum; cognato semântico não direto	yd	yād	yad	Mostra por que significado igual sem cognato formal não basta
ano	san-at-	šattu(m)	šnt	šānā	sana(t)-	Assimilação e correspondências de sibilantes; feminino -at visível em estados diferentes

As transcrições simplificam tradições ortográficas distintas. A última coluna é o ponto probatório: uma mesma oposição ancestral produz reflexos recorrentes. Não se escolhe uma regra nova para cada palavra.

6.5 O que outras línguas preservam e o hebraico perdeu

Traço reconstruído	Preservação externa ao hebraico	Situação no hebraico	Consequência histórica
Interdentais <i>t̪, d̪</i>	Árabe e ugarítico mantêm distinções importantes	Fundidas principalmente com <i>š/z</i> e outros reflexos	Hebraico não pode ser a fonte simples de contrastes que não possui
Casos <i>-u, -i, *-a</i>	Acadiano e árabe clássico; vestígios/uso em ugarítico e ge'ez	Perdidos como paradigma produtivo	O sistema se reconstrói acima do hebraico
Dual produtivo	Antigo acadiano, ugarítico e árabe têm uso mais amplo	Restrito e lexicalizado em parte	Diferentes filhas conservam porções do sistema ancestral
Vogal longa <i>*ā</i>	Árabe e ugarítico preservam em muitos ambientes	Mudança cananeia para <i>ō</i> em ambientes definidos	O <i>ō</i> hebraico é uma inovação, não o estado de origem
Plurais internos	Muito produtivos em árabe e línguas etiópicas/sul-arábicas	Sistema bem mais limitado	Não é plausível derivar toda a complexidade por criações paralelas a partir do hebraico
Contrastes guturais/dorsais	Árabe e ugarítico preservam contrastes adicionais	Algumas fusões em <i>h/ʕ</i> e efeitos vocálicos	Filhas diferentes são conservadoras em dimensões diferentes

6.6 Resultado do teste proto-semítico

O hebraico contém herança proto-semítica, assim como as demais filhas. Mas seu perfil combina arcaísmos e inovações cananeias. A reconstrução do PS exige dados de todos os ramos; projetar apenas o hebraico para trás perderia contrastes que outras línguas demonstram. Portanto, Proto-Semítico não é outro nome para hebraico.

7. Proto-Afro-Asiático

7.1 Ramos e controvérsias

O Afro-Asiático é um agrupamento de grande profundidade. A apresentação de seis ramos é comum: semítico, egípcio, berbere, cuchítico, chádico e omótico (Frajzyngier e Shay 2012). A inclusão do omótico, porém, é contestada; o Glottolog, adotando uma postura conservadora, não o inclui sem diagnósticos considerados suficientes. Também se discute se “berbere” e outros ramos devem ser internamente subdivididos antes de comparações profundas.

Ramo	Exemplos	Situação documental	Observação classificatória
Semítico	Acadiano, hebraico, aramaico, árabe, ge'ez	Desde o III milênio a.C.	Ramo internamente bem demonstrado
Egípcio	Egípcio antigo a copta	Desde o fim do IV milênio a.C.	Ramo unitário com longa história escrita

Ramo	Exemplos	Situação documental	Observação classificatória
Berbere	Tuaregue, tamazight, tarifit	Antiguidade líbico-berbere e documentação moderna	Relação afro-asiática amplamente aceita
Cuchítico	Oromo, Somali, Beja e outros	Predominantemente moderna; tradições regionais	Estrutura interna debatida; posição do Beja varia
Chádico	Hausa e centenas de línguas	Majoritariamente moderna	Ramo amplo, com reconstruções internas
Omótico	Wolaytta, Gamo, Bench e outros	Moderna	Frequentemente incluído, mas estatuto afro-asiático contestado

7.2 Data, região e limites

As propostas para Proto-Afro-Asiático variam aproximadamente de ~18.000 a ~8.000 a.C., e algumas cronologias ficam fora desse intervalo. Essa dispersão não deve ser comprimida em uma data exata. Hipóteses de origem incluem o Nordeste da África, o Saara oriental, o Chifre da África e o Levante/adjacências do mar Vermelho. Léxico de subsistência, arqueologia e genética foram usados, mas dependem de reconstruções e associações discutíveis.

Alguns paralelos são recorrentes — gênero gramatical, elementos pronominais, feminino em *t, padrões de derivação e correspondências lexicais —, mas a distância temporal torna difícil distinguir herança, erosão, analogia e contato. Não há reconstrução consensual do inventário completo, da sintaxe ou de uma árvore interna com resolução comparável à do indo-europeu ou do semítico.

7.3 Pode o Proto-Afro-Asiático ser hebraico?

Não há evidência científica para essa identificação. O hebraico possui inovações cananeias e semíticas noroestes que não pertencem aos outros ramos. Egípcio e chádico, por exemplo, não exibem uma passagem histórica por um estágio hebraico reconstruível. Para identificar PAA com hebraico seria necessário demonstrar que as formas ancestrais de todos os ramos derivam de morfologia e fonologia hebraicas, com correspondências regulares e cronologia compatível. Nenhum programa de pesquisa reconhecido produziu tal demonstração.

Em termos de árvore, hebraico está em uma ponta recente: PAA → PS → semítico ocidental/central → noroeste → cananeu → hebraico. Mesmo que nós intermediários sejam reconfigurados, a direção geral é sustentada por inovações compartilhadas e registros independentes.

8. Evidência epigráfica: quando existe hebraico propriamente dito?

8.1 Escrita não é língua

“Proto-Sinaítico”, “Proto-Cananeu”, “fenício” e “paleo-hebraico” podem designar fases ou estilos de escrita, enquanto “cananeu”, “fenício” e “hebraico” também designam línguas. Os alfabetos lineares do Levante compartilham ascendência gráfica. Um escriba pode usar

uma tradição gráfica associada a outra região, e letras quase idênticas podem registrar dialetos distintos. A identificação linguística depende de palavras, morfologia e sintaxe, não apenas do formato das letras.

8.2 Inscrições principais

Documento	Data aproximada	Escrita/língua proposta	Avaliação cautelosa
Calendário de Gezer	~século X a.C.	Alfabeto linear antigo; hebraico, fenício ou cananeu genérico	A língua é disputada; vocabulário e gramática não excluem fenício/cananeu. Não deve ser chamado de “primeiro hebraico” sem ressalva
Óstraco de Khirbet Qeiyafa	~fim do XI/início do X a.C.	Escrita cananeia antiga; língua proposta como hebraico, cananeu ou outra variedade noroeste	Leitura e classificação permanecem controversas; corpus curto e danificado
Inscrições de Tel Zayit/Izbit Sartah	~séculos XII-X a.C.	Abecedários/alfabeto antigo	Informam história da escrita, mas quase nada provam sobre uma língua hebraica distinta
Estela de Mesa	~meados do século IX a.C.	Escrita regional; moabita	Língua cananeia próxima, mas não hebraico; prova diversidade cananeia paralela
Óstracos de Samaria	~primeira metade do século VIII a.C.	Paleo-hebraico; hebraico israelita	Registros administrativos firmes; exibem variedade setentrional
Inscrição de Siloé	~fim do século VIII a.C.	Paleo-hebraico; hebraico judaíta	Um dos textos hebraicos monumentais mais claros; narra encontro de equipes em túnel
Inscrições de Kuntillet ‘Ajrud	~século VIII a.C.	Escritas e variedades regionais	Mistura de dados linguísticos e religiosos; classificação dialetal exige cautela
Óstracos de Laquis	~fim do século VII/início do VI a.C.	Paleo-hebraico; hebraico judaíta	Cartas e comunicações militares em hebraico inequívoco
Amuletos de Ketef Hinnom	~séculos VII-VI a.C.	Paleo-hebraico; fórmula próxima a Números 6	Importantes para língua e tradição textual; datação paleográfica/arqueológica é discutida em margens, não em milênios

8.3 O que a disputa significa

A cautela sobre Gezer e Qeiyafa não implica que “não havia hebraico” no século X a.C. Línguas faladas precedem seus primeiros registros. Significa apenas que uma inscrição curta num contínuo dialetal não fornece diagnósticos suficientes para um rótulo estreito. A formulação segura é: candidatos a hebraico no século X; documentação especificamente hebraica progressivamente mais firme nos séculos IX-VIII; corpora substanciais nos séculos VIII-VI (Rollston 2010; Finkelstein e Sass 2013; Wilson-Wright 2019).

8.4 Proto-Cananeu, cananeu antigo, fenício, paleo-hebraico e hebraico bíblico

Rótulo	Tipo principal	Uso responsável
Proto-Cananeu / alfabético antigo	Sobretudo paleográfico	Escritas alfabéticas iniciais do II milênio; não equivale a “hebraico primitivo”
Cananeu antigo	Linguístico, amplo	Variedades do Levante antes de dialetos da Idade do Ferro se tornarem nítidos
Fenício	Linguístico e paleográfico	Língua cananeia costeira e tradição gráfica influente; não sinônimo de qualquer alfabeto antigo
Paleo-hebraico	Sobretudo paleográfico	Variante regional usada em Israel/Judá; pode registrar hebraico, mas a escrita sozinha não decide a língua
Hebraico bíblico	Linguístico/corpus literário	Variedades do texto bíblico; composição, edição, cópia e vocalização pertencem a épocas diferentes

9. Línguas documentadas anteriores ao hebraico

9.1 Cronologia comparativa

A tabela usa “primeiro registro” de maneira qualificada. Sistemas muito antigos podem ser parcialmente logográficos e difíceis de atribuir a uma língua; nomes próprios podem preceder textos contínuos; e a data arqueológica de uma peça pode ter margem de décadas ou séculos. Ainda assim, a ordem geral é segura.

Língua	Família	Primeiro registro aproximado	Tipo de documentação	Relação com o hebraico	Certeza/ observação
Sumério	Isolada	proto-cuneiforme ~3300–3200 a.C.; atribuição linguística plena mais segura no início do III milênio	Contas administrativas, depois textos lexicais e literários	Nenhuma relação genética demonstrada; contato com acadiano	Alta para a escrita; moderada para a leitura linguística dos sinais mais arcaicos
Egípcio antigo	Afro-Asiático, ramo egípcio	~3250–3100 a.C.	Etiquetas, inscrições reais e funerárias; depois textos contínuos	Parente muito remoto dentro do Afro-Asiático, não descendente do hebraico	Alta para a ordem cronológica; leituras dos itens mais antigos são limitadas
Acadiano	Semítico oriental	nomes/glosas ~2600–2500 a.C.; corpus amplo ~2350 a.C.	Cuneiforme silábico e logográfico	Língua-irmã distante, separada antes do hebraico	Muito alta
Eblaíta	Semítico oriental ou muito próximo dele	~séculos XXIV–XXIII a.C.	Arquivos de Ebla em cuneiforme	Parente semítico antigo; classificação exata discutida	Alta

Língua	Família	Primeiro registro aproximado	Tipo de documentação	Relação com o hebraico	Certeza/ observação
Amorita	Semítico noroeste ou variedade semítica ocidental antiga	nomes e palavras ~fim do III/início do II milênio	Principalmente nomes pessoais em textos acadianos	Parente distante; corpus insuficiente para uma gramática completa	Moderada; “língua” inferida onomasticamente
Elamita	Isolada/não classificada	antigo elamita ~século XXIII a.C.	Cuneiforme; documentos administrativos e reais	Nenhuma relação genética demonstrada	Alta; proto-elamita anterior continua indecifrado e não deve ser contado como elamita lido
Hurriano	Hurro-urartiano	nomes ~fim do III milênio; textos ~séculos XVII–XIV a.C.	Cartas, rituais, tratados	Não geneticamente relacionado; contato regional	Alta para textos contínuos; anterioridade onomástica qualificada
Hitita	Indo-Europeu, anatólio	tabuletas ~século XVII a.C.; material onomástico anterior	Cuneiforme em arquivos da Anatólia	Nenhuma relação genética; contatos e empréstimos são possíveis	Muito alta; mais antiga língua indo-europeia amplamente documentada
Grego micênico	Indo-Europeu, helênico	~1450–1200 a.C.	Linear B, sobretudo inventários palacianos	Nenhuma relação genética; contato mediterrâneo não implica filiação	Muito alta
Ugarítico	Semítico noroeste	~séculos XIV–XIII a.C.	Alfabeto cuneiforme; mitos, cartas, administração	Língua-irmã do domínio noroeste, não hebraico arcaico	Muito alta
Cananeu de Amarna	Semítico noroeste/cananeu	~século XIV a.C.	Glosas e interferência cananeia em cartas acadianas	Antecedente regional, não ancestral linear exclusivo do hebraico	Alta; natureza mista dos textos exige análise
Chinês antigo	Sino-tibetano	~século XIII a.C.	Inscrições oraculares em ossos e carapaças	Nenhuma relação genética demonstrada	Muito alta
Fenício	Semítico noroeste, cananeu	inscrições diagnósticas ~séculos XI–X a.C., com datas individuais debatidas	Monumentos, dedicatórias, comércio	Língua-irmã cananeia	Alta para o conjunto; datas de inscrições específicas variam
Aramaico antigo	Semítico noroeste	~séculos X–IX a.C.	Inscrições reais e monumentais	Língua-irmã noroeste, não cananeia	Alta
Moabita	Semítico noroeste, cananeu	~século IX a.C.	Estela de Mesa e inscrições menores	Língua-irmã cananeia muito próxima	Muito alta para Mesa
Hebraico antigo	Semítico noroeste, cananeu	candidatos ~século X; inequívoco/corpus crescente ~séculos IX–VIII a.C.	Inscrições, óstracos, cartas, selos	Objeto do teste	Alta para VIII; moderada/baixa para atribuições específicas do X

Língua	Família	Primeiro registro aproximado	Tipo de documentação	Relação com o hebraico	Certeza/ observação
Árabe antigo	Semítico central	I milênio a.C.; definições e corpora variam	Inscrições em alfabetos norte-arábicos e nabateus, nomes	Língua-irmã central, não descendente do hebraico	Alta para a existência; fronteira “árabe” versus norte-arábico é discutida
Sul-arábico antigo	Semítico; posição ocidental/meridional debatida	sobretudo ~séculos VIII-VII a.C.; propostas anteriores	Inscrições monumentais e administrativas	Parente semítico distante	Alta para o corpus principal; datas altas são debatidas

9.2 O que essa cronologia prova — e o que não prova

A cronologia prova que hebraico não é a língua escrita mais antiga conhecida e que o acadiano está documentado muito antes dele. Ela não prova que sumério ou egípcio foram as primeiras línguas faladas. A escrita surge em sociedades complexas específicas; milhares de línguas sem escrita coexistiram com os primeiros arquivos. O registro preserva materiais duráveis e instituições de escribas, não uma amostra neutra de toda a humanidade.

Também não basta dizer: “acadiano é mais antigo no papel, logo não pode descender do hebraico”. Uma língua ancestral pode ser documentada depois de uma filha se os seus primeiros textos se perderem. O argumento completo combina cronologia com estrutura: o acadiano já exhibe inovações próprias, preserva morfologia proto-semítica e pertence a um ramo separado. Não há estágio hebraico intermediário, nem mudanças regulares que convertam hebraico em acadiano.

10. Hebraico e outras línguas cananeias

10.1 O grupo cananeu

“Cananeu” não é uma única língua uniforme. É um conjunto de variedades próximas cujas fronteiras se relacionam a geografia, política e redes de escribas. Hebraico e fenício possuem os maiores corpora; moabita é claro, mas menor; amonita e edomita são conhecidos por material reduzido, sobretudo inscrições curtas, selos e nomes. A escassez exige evitar descrições excessivamente precisas.

10.2 Características compartilhadas

As variedades cananeias mostram, em graus e contextos diferentes:

a chamada mudança cananeia, pela qual *ā tônico/antigo resulta em ō em ambientes relevantes;

artigo definido prefixado *h-* em várias variedades;

desenvolvimento de pronomes e formas verbais comuns;

vocabulário regional herdado e padrões ortográficos próximos;

fusões de consoantes proto-semíticas que contrastam com preservações em árabe/ugarítico.

A mudança cananeia é ilustrada didaticamente por hebraico *šālōm* ao lado de árabe *salām*, mas o fenômeno não deve ser reduzido a uma regra sem condições. Cronologia relativa, acento, qualidade vocálica e diferenças entre fenício, hebraico e glosas de Amarna são debatidos (Pat-El 2016; Suchard 2019). Ugarítico, embora geograficamente próximo e semítico noroeste, não apresenta a mesma mudança como inovação cananeia.

10.3 Comparação de perfis

Variedade	Traços compartilhados	Inovações/particularidades	Qualidade do corpus
Hebraico	Mudança cananeia, artigo h-, vocabulário e morfologia cananeus	Desenvolvimentos israelitas/judaítas, tradição literária bíblica, mudanças vocálicas próprias	Extenso, mas heterogêneo no tempo
Fenício/púnico	Mudança cananeia e outras inovações do grupo	Reduções vocálicas, tradição gráfica e expansão mediterrânea próprias	Amplo, embora muitas inscrições sejam formularias
Moabita	Proximidade grande com hebraico; artigo e morfologia cananeia	Formas como plural masculino em -n em contextos e escolhas lexicais próprias	Pequeno; Estela de Mesa é central
Amonita	Características cananeias e onomástica regional	Diagnósticos limitados; algumas formas distintas	Muito pequeno
Edomita	Elementos cananeus e nomes próprios	Classificação fina difícil; contato aramaico/árabe posterior	Muito pequeno

10.4 Qual modelo explica melhor?

Modelo A — todas derivam do hebraico: prevê uma fase hebraica anterior comum e mudanças regulares que transformem essa fase em fenício, moabita, amonita e edomita. O problema é que “hebraico” teria de ser redefinido para significar “Proto-Cananeu”, eliminando justamente as inovações que distinguem o hebraico. Não há documentação de exportação linguística israelita que produza todos esses dialetos.

Modelo B — descendência de ancestrais cananeus compartilhados: prevê inovações comuns, diferenças regionais, sobreposição dialetal e registros paralelos. É exatamente o padrão observado. Portanto, B possui maior poder explicativo e requer menos suposições ad hoc.

11. O acadiano como teste crítico

11.1 Por que o acadiano é decisivo

O acadiano é semítico e possui documentação substancial anterior ao hebraico. Se o hebraico fosse ancestral de todas as línguas semíticas, o acadiano teria de descender de uma fase hebraica não documentada anterior a ~2600 a.C. Essa fase precisaria ser chamada “hebraica” apesar de anteceder em mais de um milênio os traços cananeus que definem o hebraico.

11.2 Previsões da hipótese hebraico → acadiano

Seriam necessárias, entre outras, as seguintes mudanças:

recriação de um sistema produtivo de casos nominais que o hebraico conhecido não possui;

recriação ou preservação seletiva de terminações e paradigmas em formas que coincidem com árabe, ugarítico e ge'ez;

reversão de inovações cananeias, inclusive resultados vocálicos;

produção de uma ordem verbal e de um sistema verbal acadiano com inovações próprias do semítico oriental;

explicação de por que os documentos mais antigos exibem acadiano já diferenciado, sem fase hebraica intermediária;

múltiplas “cisões” de fonemas nas quais o acadiano e outras línguas recuperariam contrastes perdidos no hebraico.

Mudanças de fusão são comuns: dois sons se tornam um. O inverso — uma língua sem pista interna dividir sistematicamente um som nos mesmos dois ou três sons vistos em parentes independentes — requer condicionamento claro ou empréstimos; não pode ser presumido dezenas de vezes.

11.3 Previsões da hipótese de ancestral comum

Se acadiano e hebraico descendem do Proto-Semítico, esperamos:

um núcleo de cognatos com correspondências regulares;

inovações orientais compartilhadas por acadiano/eblaíta;

inovações ocidentais e cananeias ausentes no acadiano;

preservação desigual: acadiano mantém casos, hebraico mantém outros traços;

documentação antiga já divergente, pois a separação ocorreu antes dos textos preservados.

Essas previsões se confirmam. O princípio da parcimônia não atua sozinho; ele resume o fato de que uma única reconstrução explica simultaneamente centenas de correspondências e paradigmas, enquanto a derivação hebraica exige reversões sem mecanismo e entra em conflito com a estratigrafia documental.

11.4 Miniestudo de correspondências

Considere Proto-Semítico *t*. Em cognatos, o hebraico apresenta com frequência *š*, o acadiano também *š*, enquanto árabe e ugarítico preservam uma interdental. A conclusão não é “árabe transformou *š* hebraico em *t*”, porque seria preciso saber, palavra por palavra, onde fazer essa transformação. A reconstrução *t* explica de uma vez a preservação em dois ramos e a fusão regular em outros. O mesmo raciocínio, aplicado a dezenas de fonemas e paradigmas, constrói o ancestral.

O acadiano também emprega um sistema de casos com terminações comparáveis às do árabe clássico e a vestígios ugaríticos. A distribuição em ramos separados torna a herança de PS mais provável que invenções independentes posteriores a um hebraico sem casos. Essa é evidência positiva de uma camada ancestral acima do hebraico.

12. Sumério

12.1 Classificação e contato

O sumério é normalmente classificado como língua isolada: não possui parentes genéticos demonstrados por método comparativo. “Isolada” não significa que surgiu sem ancestrais; significa que os dados disponíveis não conectam sua linhagem a outra língua conhecida (Campbell 2017). Foi usado na Mesopotâmia e entrou em contato profundo com o acadiano. Bilíngues, escolas de escribas e empréstimos produziram convergências e vocabulário compartilhado.

O contato sumério-acadiano é um exemplo clássico de por que semelhança não implica descendência. Sumério e acadiano são estruturalmente muito diferentes e geneticamente não relacionados, embora cada um tenha influenciado o outro. Como o hebraico é parente do acadiano, alguns itens mesopotâmicos podem chegar ao hebraico por cadeias de contato; isso não faz o sumério derivar do hebraico nem o hebraico derivar do sumério.

12.2 Teste de alegações “sumério vem do hebraico”

Uma lista de palavras supostamente semelhantes deveria fornecer:

formas sumérias normalizadas e valores em contextos datados;

formas hebraicas antigas, não vocalizações arbitrárias;

uma tabela de correspondências sonoras repetidas;

morfemas gramaticais compartilhados em paradigmas;

direção de mudança e estágios intermediários;

tratamento explícito de empréstimos via acadiano.

As alegações populares normalmente alinham uma palavra suméria e uma hebraica por tradução moderna, toleram trocas livres de sons e ignoram a morfologia aglutinante suméria. Sem séries regulares, o resultado é numerologia lexical, não etimologia. A anterioridade documental do sumério reforça o problema de uma derivação do hebraico, mas não é o único argumento: a ausência de uma gramática herdada e de correspondências sistemáticas é decisiva.

12.3 O que seria necessário para mudar a classificação

Línguas isoladas podem ganhar parentes se surgirem novos dados. Para relacionar sumério e hebraico, seria necessário descobrir um conjunto amplo de cognatos básicos, correspondências fonológicas sem exceções arbitrárias e morfemas comparáveis que não sejam empréstimos. Uma hipótese assim seria publicável e testável. Até hoje, não existe demonstração aceita desse tipo.

13. Origem da linguagem humana

13.1 Quatro perguntas diferentes

Origem biológica da capacidade linguística: evolução neural, anatômica, cognitiva e social que permite linguagem.

Origem de uma língua específica: história de transmissão e mudança de uma comunidade, como hebraico ou japonês.

Reconstrução de proto-línguas: inferência comparativa a partir de filhas conhecidas.

Primeiros registros escritos: invenção e preservação de sistemas gráficos, ocorrida muito depois da fala.

Confundir essas escalas cria um salto de centenas de milhares de anos entre evolução humana e uma língua da Idade do Ferro.

13.2 Linguística, paleoantropologia, arqueologia e genética

A linguagem não fossiliza. Ossos hioides, anatomia do trato vocal, endocastos, genes associados à fala, ferramentas, arte simbólica e redes sociais fornecem indícios sobre capacidade cognitiva, não vocabulários. Um estudo de síntese recente propôs que a capacidade linguística estivesse presente em *Homo sapiens* por volta de pelo menos ~135 mil anos, com uso social amplo possivelmente mais tarde; os próprios autores tratam isso como inferência a partir da divergência populacional, não gravação de uma protolíngua (Miyagawa et al. 2025). Outras sínteses enfatizam que capacidades biológicas e transmissão cultural podem ter trajetórias distintas e que a origem permanece sem consenso (Arnon et al. 2025).

Genética populacional reconstrói parentesco e separação entre populações. Línguas podem acompanhar migrações, mas também podem ser substituídas sem substituição genética equivalente. Populações geneticamente próximas podem falar línguas de famílias diferentes, e uma língua pode expandir-se por mudança cultural. Logo, um haplogrupo não identifica o idioma de Adão nem o “primeiro vocabulário”.

13.3 Limite temporal do método comparativo

Não existe uma parede cronológica universal, mas o sinal se degrada. Sons mudam, palavras básicas são substituídas, morfemas se erodem, empréstimos se acumulam e ramos desaparecem sem documentação. Campbell e Rankin observam que, em condições comuns, cerca de oito a dez mil anos já constituem uma profundidade excepcional para demonstração segura; famílias com registros antigos e morfologia conservadora podem permitir detalhes especiais, mas não uma ponte de cem mil anos.

13.4 Proto-Human, Proto-World, monogênese e poligênese

Monogênese da capacidade linguística é a hipótese de uma origem evolutiva comum da faculdade humana. **Monogênese das línguas** afirma que todas as línguas faladas descendem de uma única língua. A primeira pode ser discutida biologicamente sem que a segunda seja recuperável filologicamente. Mesmo se todas as línguas tivessem uma única origem, erosão temporal poderia tornar a ancestralidade indemonstrável.

“Proto-World” ou “Proto-Human” designa tentativas de reconstruir vocabulário universal por comparações de famílias muito remotas. Essas propostas são minoritárias e não aceitas como reconstruções demonstradas porque usam conjuntos curtos, toleram semelhança sem correspondência regular, selecionam significados flexíveis e não controlam probabilidade de acaso. A posição responsável não é afirmar poligênese como fato, mas reconhecer que os dados atuais não decidem uma língua única original nem recuperam sua forma.

14. História intelectual da língua adâmica

14.1 Antiguidade judaica e literatura rabínica

A ligação entre criação e hebraico nasce de leitura teológica, não de epigrafia. *Gênesis Rabbah* 18:4 usa o par *’iš/’iššâ* (“homem/mulher”) para argumentar que a criação foi expressa na “língua santa”, pois o jogo não funciona da mesma forma em grego. Essa é uma reflexão antiga sobre a forma hebraica do texto.

A tradição rabínica não é uniforme. Em *b. Sanhedrin* 38b, Rav afirma que o primeiro ser humano falava aramaico. Outras tradições imaginam setenta línguas ou capacidades linguísticas especiais. O dado histórico importante é a pluralidade: “o judaísmo sempre ensinou que Adão falava hebraico” é uma generalização falsa (Fraade 2012).

14.2 Autores cristãos antigos e medievais

Agostinho, em *A Cidade de Deus* XVI.11, defendeu que a língua anterior à divisão foi preservada na família de Héber e por isso veio a chamar-se hebraica. Essa formulação influenciou a tradição latina. Outros autores antigos e siríacos discutiram se hebraico, siríaco/aramaico ou outra variedade possuía prioridade. Jacó de Edessa, por exemplo, sustentou a primazia hebraica em contexto no qual a proximidade entre siríaco e hebraico era reconhecida (Salvesen 2022).

Na Idade Média latina, o hebraico frequentemente recebeu estatuto adâmico por três razões: era a língua do texto do Gênesis; nomes e jogos de palavras pareciam transparentes; e a etimologia de “hebreu” era ligada a Héber. Mas não houve unanimidade. Dante, em *De vulgari eloquentia*, falou de uma língua criada com Adão; no *Paradiso* XXVI, adotou uma visão em que a linguagem muda e a forma falada por Adão não permanece simplesmente idêntica ao hebraico. Na mística judaica, autores como Abraham Abulafia também desenvolveram modelos mais complexos que uma identidade direta.

14.3 Renascimento e Reforma

O humanismo cristão intensificou o estudo do hebraico. Johannes Reuchlin, Guillaume Postel e outros relacionaram a língua a sabedoria primordial, cabala e exegese. Reformadores valorizaram o acesso ao texto hebraico do Antigo Testamento. Esse movimento produziu gramáticas e léxicos valiosos, mas a reverência religiosa não equivalia a uma demonstração comparativa.

Ao mesmo tempo, proliferaram candidatos concorrentes: neerlandês, celta, chinês, siríaco e outras línguas foram proclamados primordiais por autores nacionalistas ou especulativos. A facilidade de “provar” qualquer língua por anagramas e semelhanças mostrou a necessidade de regras de correspondência.

14.4 Do comparativismo inicial à linguística moderna

Nos séculos XVII e XVIII, estudiosos como Leibniz rejeitaram a ideia de derivar automaticamente todas as palavras do hebraico contemporâneo e defenderam comparação extensa de vocabulários. A descoberta e o estudo do sânscrito, a identificação do indo-europeu, o avanço da filologia semítica e a formulação de leis sonoras no século XIX alteraram a natureza da prova.

A hipótese adâmica não foi abandonada porque “a academia se tornou antirreligiosa”, mas porque deixou de gerar as correspondências regulares exigidas de qualquer genealogia. Muitos fundadores da filologia eram religiosos; o método permitiu separar convicção teológica de inferência histórica. Desde então, “hebraico foi a língua de Adão” permanece uma possibilidade confessional para algumas tradições, não uma conclusão da linguística.

14.5 Linha intelectual resumida

Período	Forma da ideia	Estatuto
Antiguidade rabínica	“Língua santa” ligada à criação; também tradições aramaicas	Plural e teológica
Patrística	Hebraico preservado por Héber em autores como Agostinho	Exegética/histórico-sagrada
Idade Média	Predomínio hebraico em partes do cristianismo; dissensos e modelos de mutabilidade	Erudição pré-comparativa
Renascimento/Reforma	Hebraísmo cristão, cabala, retorno às línguas bíblicas	Grande prestígio do hebraico, mas métodos irregulares
Séculos XVII-XVIII	Coleta comparativa, críticas às etimologias universais	Transição metodológica
Século XIX–presente	Método comparativo, famílias e proto-línguas	Hipótese hebraica deixa de ser científica por falta de correspondências

15. Gênesis 2, 10 e 11

15.1 Gênesis 2 e os jogos de palavras

O hebraico de Gênesis 2 explora associações como:

’*ādām* (“humano/Adão”) e ’*ādāmā* (“solo”);

’*îš* (“homem”) e ’*iššā* (“mulher”);

’*ḥawwā* (“Eva”) e a raiz relacionada à vida (*ḥ-y-y/ḥ-w-y* na história das formas).

Esses jogos são evidência forte de composição ou redação hebraica. Não são evidência independente de que os personagens falavam hebraico. Um romance histórico em português pode fazer trocadilho português sobre César sem implicar que César falava português. Uma tradução pode recriar “homem/mulher” com “man/woman”, enquanto outras línguas precisam de nota; a traduzibilidade do efeito não altera a língua histórica da cena.

O argumento mais forte a favor responde que um narrador inspirado poderia preservar a etimologia original em hebraico. Isso é teologicamente possível dentro de certas doutrinas, mas acrescenta uma premissa não testada: que a forma hebraica reproduz o som original, e não adapta o significado. A linguística não pode usar essa premissa para provar a própria conclusão.

15.2 Gênesis 10: povos e línguas

Gênesis 10:5, 20 e 31 organiza descendentes “segundo suas terras, línguas, famílias e nações”. Na ordem canônica, essa diversidade aparece antes da narrativa de Babel. Leitores tradicionais podem entender o capítulo 10 como antecipação temática dos resultados de Gênesis 11. A crítica das fontes observa vocabulário, estilo e interesses distintos, associando material a estratos sacerdotais e não sacerdotais em modelos variados (Carr 2020; Hendel 2024).

Nenhuma leitura resolve a identidade da língua única como hebraico. A harmonização explica a ordem narrativa; a análise composicional explica a tensão literária. Ambas precisam de evidência adicional para nomear o idioma.

15.3 Gênesis 11:1-9

O texto diz que “toda a terra tinha uma só língua [śāpâ, ‘lábio’] e as mesmas palavras”. Deus confunde a linguagem e dispersa os construtores. O nome Babel é associado à raiz hebraica *b-l-l*, “confundir/misturar”. A etimologia histórica de Babilônia, porém, é acadiana (*Bāb-ilim/Bāb-ilī*, “Porta do deus/dos deuses”), de modo que Gênesis oferece um jogo explicativo hebraico, não uma derivação filológica babilônica.

Isso reforça a distinção central: o narrador hebraico interpreta nomes estrangeiros por recursos hebraicos. O procedimento é literário e teológico. Não identifica a língua pré-Babel.

15.4 Análise histórico-crítica

A forma final de Gênesis 1-11 combina e reelabora tradições mesopotâmicas, genealogias e narrativas de origem. Datas e modelos composicionais são debatidos, mas a maioria da pesquisa crítica não trata o conjunto como relatório linguístico moderno. A narrativa de Babel explica teologicamente diversidade, urbanização, orgulho e dispersão; não oferece listas de correspondências ou uma cronologia epigráfica.

Essa conclusão não “refuta” o valor religioso do texto. Ela delimita o tipo de pergunta que o texto responde. Usar Gênesis como evidência independente de que a língua de Gênesis era a língua dos personagens é raciocínio circular, a menos que a inspiração verbal e a conservação fonética sejam defendidas por argumentos externos.

16. Teste dos argumentos populares favoráveis

16.1 Matriz alegação → teste

ALEGAÇÃO	EVIDÊNCIA APRESENTADA	TESTE LINGÜÍSTICO	PROBLEMAS	CONCLUSÃO
Adão vem de ʾādāmā, logo Adão falou hebraico	Jogo de palavras em Gn 2	Verificar se a forma pertence ao narrador ou à fala citada; buscar confirmação externa	Nomes são traduzidos/adaptados; circularidade; personagem inacessível historicamente	Prova composição hebraica, não a fala de Adão
“Mulher” (ʾiššā) vem de “homem” (ʾīš)	Gn 2:23; tradição rabínica	Examinar história fonológica real e função literária	A etimologia popular no verso não garante derivação morfológica histórica simples; traduções recriam trocadilhos	Argumento teológico/literário, não filogenia mundial

ALEGAÇÃO	EVIDÊNCIA APRESENTADA	TESTE LINGÜÍSTICO	PROBLEMAS	CONCLUSÃO
Eva significa “mãe dos viventes”	Associação de Ḥawwâ com vida	Comparar raiz, fonologia e cognatos semíticos	Etimologia interna de nome não identifica idioma universal	Sem valor para ancestralidade de outras famílias
Nomes dos patriarcas são explicáveis em hebraico	Etimologias narrativas	Distinguir nome semítico, etimologia popular e redação	Nomes podem ser semíticos ocidentais, reinterpretados ou teofóricos; isso não alcança línguas não semíticas	Mostra ambiente semítico do texto/tradição
Babel pressupõe hebraico antes da confusão	Bíblia está em hebraico; Agostinho/Héber	Perguntar se Gn 11 nomeia a língua	Não nomeia; Babel/bālal é jogo hebraico sobre nome acadiano	Identificação posterior, não declaração explícita
Palavras do mundo inteiro se parecem com hebraico	Listas “edênicas”	Exigir correspondências regulares, morfologia e probabilidade de acaso	Seleção de sons, significados elásticos, ausência de séries, formas modernas	Não demonstra parentesco
Hebraico possui raízes de três consoantes “universais”	Estrutura semítica	Comparar tipologia e história morfológica	Muitas línguas não usam esse sistema; outras semíticas o compartilham por ancestral comum	Traço semítico, não humano primordial
Hebraico é a escrita alfabética mais antiga	Leitura hebraica de inscrições proto-sinaíticas	Separar letras de língua; revisar leituras e paleografia	Inscrições iniciais são cananeias/alfabéticas e curtas; atribuição hebraica é contestada; alfabeto antecede hebraico diagnosticável	Alegação não sustentada
Todos os alfabetos derivam do hebraico	Semelhança entre letras paleo-hebraicas, fenícias e posteriores	Construir genealogia gráfica e datar inscrições	Paleo-hebraico e fenício são ramos/estilos de tradição anterior; escrita não determina filiação linguística	Confunde história da escrita com língua
Sumério contém palavras hebraicas	Pares isolados em listas populares	Testar som, morfologia, cronologia e empréstimo	Sumério é isolado; contato via acadiano; ausência de paradigmas compartilhados	Não há demonstração genética
Hebraico mudou pouco e por isso é original	Continuidade bíblica/litúrgica	Comparar hebraico antigo, tiberiense, mishnaico e moderno	Mudanças fonológicas, sintáticas, lexicais e sociolinguísticas substanciais	Continuidade cultural não é imobilidade linguística

16.2 A versão mais forte do argumento religioso

A versão mais forte não depende de listas de palavras. Ela afirma: uma revelação confiável descreve uma humanidade inicialmente unilíngue; o texto hebraico preserva nomes e trocadilhos originais; logo, a língua era hebraico. Essa formulação é internamente coerente se quatro premissas teológicas forem aceitas: historicidade estrita da narrativa, preservação fonética dos nomes, identidade entre idioma da revelação e idioma dos eventos, e transmissão sem tradução/adaptação.

O teste acadêmico não declara essas premissas metafisicamente impossíveis. Ele pergunta se são confirmadas independentemente. Não são. Além disso, a filogenia semítica fornece evidência positiva de que o hebraico conhecido é uma filha cananeia.

Assim, para manter a hipótese, seria necessário postular um “hebraico adâmico” sem os traços diagnósticos do hebraico histórico. Nesse ponto, o nome “hebraico” perde conteúdo linguístico verificável.

17. Falsificabilidade e comparação de modelos

17.1 Se todas as línguas descendessem do hebraico, o que esperaríamos?

correspondências fonéticas regulares ligando raízes hebraicas antigas ao vocabulário básico de cada família;

resíduos sistemáticos de morfologia hebraica — pronomes, gênero, plurais, conjugação — em estágios reconstruídos;

árvores intermediárias nas quais Proto-Indo-Europeu, Proto-Sino-Tibetano etc. aparecessem como transformações deriváveis do hebraico;

cronologia em que o estágio ancestral hebraico antecederesse as divergências e registros das filhas;

uma distribuição geográfica e arqueológica capaz de explicar a expansão;

redução de irregularidades quando a hipótese é aplicada, em vez de regras diferentes para cada par de palavras;

capacidade preditiva: prever uma forma ainda não usada na comparação.

17.2 O que os dados mostram

Famílias bem estabelecidas possuem seus próprios sistemas de correspondências e proto-línguas. Proto-Indo-Europeu reconstrói flexão nominal e verbal que não deriva da morfologia hebraica; austronésio possui evidências próprias em pronomes, numerais e morfologia de voz; sino-tibetano, nígero-congolês e outras famílias têm histórias independentes, mesmo onde suas árvores internas são disputadas. Semelhanças ocasionais com hebraico não se alinham em regras comuns.

Não existe série de estágios “hebraico → Proto-Indo-Europeu → germânico”, nem documentação de uma expansão hebraica pré-histórica global. As datas propostas para proto-línguas não podem ser encaixadas numa fase de hebraico histórico. O modelo falha justamente onde uma genealogia deveria ser mais forte: morfologia e correspondências regulares.

17.3 Se o hebraico fosse um ramo relativamente tardio, o que esperaríamos?

línguas semíticas mais antigas documentadas;

traços ancestrais distribuídos entre diferentes filhas;

inovações compartilhadas com cananeu e inovações exclusivas do hebraico;

inscrições iniciais difíceis de separar num contínuo dialetal;

ausência de hebraico nas reconstruções de famílias não afro-asiáticas;

contato e empréstimo com vizinhos sem transformar essas línguas em descendentes.

Todos esses padrões são observados. O modelo filogenético padrão tem maior alcance, precisão e capacidade de teste.

17.4 Comparação formal

Critério	Modelo “origem hebraica universal”	Modelo “hebraico como ramo cananeu”
Correspondências sonoras	Não fornece conjunto mundial regular	Explica reflexos semíticos recorrentes
Morfologia	Requer perdas e recriações em massa	Reconstrói paradigmas acima das filhas
Cronologia	Postula hebraico não documentado antes de sua definição	Compatível com acadiano/eblaíta anteriores e hebraico da Idade do Ferro
Epigrafia	Reclassifica alfabetos antigos como hebraicos	Distingue escrita, língua e contínuo dialetal
Geografia	Requer dispersão mundial sem trilha própria	Ajusta-se ao Levante cananeu e contatos regionais
Poder preditivo	Baixo; pares escolhidos após observação	Alto; prevê reflexos e formas reconstruídas
Hipóteses auxiliares	Numerosas e não independentes	Menores e verificáveis

18. Evidências contrárias organizadas por categoria

“Força” avalia quanto cada linha pesa contra a hipótese universal, não a importância cultural do hebraico.

Categoria	Evidência não redundante	Força	Justificativa
A. Linguística	Correspondências regulares e morfologia reconstroem Proto-Semítico acima do hebraico; outras filhas preservam contrastes e casos perdidos no hebraico	Muito forte	Evidência estrutural positiva, replicada em centenas de formas e paradigmas
B. Cronológica	Acadiano/eblaíta documentados muito antes; sumério e egípcio ainda anteriores	Forte	Sozinha não exclui ancestral não documentado, mas combinada à estrutura torna a derivação hebraica historicamente implausível
C. Epigráfica	Primeiros candidatos hebraicos são tardios e disputados; corpora inequívocos são da Idade do Ferro	Forte	Delimita quando o rótulo “hebraico” se torna empiricamente justificável
D. Filogenética	Hebraico está aninhado em cananeu; famílias não afro-asiáticas formam árvores independentes	Muito forte	Inovações compartilhadas definem relações de irmandade, não descendência do hebraico

Categoria	Evidência não redundante	Força	Justificativa
E. Arqueológica	Não há horizonte material ou dispersão que acompanhe uma expansão mundial hebraica; escrita surge antes em outras regiões	Moderada	Cultura material não codifica língua diretamente, por isso funciona como teste de plausibilidade, não prova isolada
F. Histórico-documental	A ideia adâmica é uma tradição interpretativa plural e posterior; Gênesis não nomeia a língua pré-Babel	Forte	Refuta a alegação de afirmação bíblica explícita e documenta a história da inferência

18.1 Evidências eventualmente favoráveis — e seu peso real

Uma avaliação equilibrada deve reconhecer três fatos que tornam a hipótese intuitivamente atraente:

hebraico é de fato uma língua antiga, com corpus religioso de enorme antiguidade e continuidade;

o texto de Gênesis utiliza jogos de palavras hebraicos impressionantes;

hebraico preserva arcaísmos semíticos e pertence a uma das famílias com registros mais antigos.

Esses fatos favorecem a relevância histórica e filológica do hebraico, não a ancestralidade universal. Nenhum satisfaz o critério de correspondências regulares entre famílias. Seu peso para a hipótese é **fraco**; para a história cultural do hebraico, é **forte**.

19. O que não pode ser provado

19.1 “Não há evidência” versus “há evidência contra”

Não há evidência de X quando os dados simplesmente não alcançam a questão: não temos gravação da primeira comunidade humana, nem um método para recuperar sua língua completa. **Há evidência positiva contra X** quando X faz previsões e os dados exibem o padrão contrário: hebraico como ancestral do acadiano prevê uma direção histórica incompatível com a reconstrução e com os paradigmas distribuídos.

Portanto:

“Adão pronunciou estas palavras em hebraico” é, sem acesso independente a Adão, não verificável;

“todas as línguas documentadas descendem do hebraico histórico” é testável e contradita;

“existiu uma língua única muito remota” é possível como hipótese, mas não demonstrada;

“essa língua única era estruturalmente o hebraico da Bíblia” entra em conflito com a história recuperável do hebraico.

19.2 Lacunas inevitáveis

Não podemos estabelecer o dia ou século em que “o hebraico nasceu”. Dialectos mudam gradualmente. Não podemos reconstruir a pronúncia exata de todas as consoantes proto-semíticas. Não podemos datar Proto-Afro-Asiático com precisão de milênios. Não podemos

inferir língua diretamente de genes, cerâmica ou etnia. Não podemos saber quantas línguas desapareceram sem qualquer registro.

19.3 O limite lógico do veredito

Demonstrar que hebraico não é ancestral das famílias conhecidas não identifica a primeira língua humana. Também não prova poligênese. O resultado é assimétrico: a hipótese hebraica específica falha; a pergunta universal permanece aberta. Essa modéstia não enfraquece a conclusão sobre hebraico — impede apenas transformar uma refutação localizada numa teoria total sem dados.

20. Árvore filogenética acadêmica



Árvore acadêmica ampliada: o hebraico como ramo cananeu, sem um tronco global demonstrado. Linhas tracejadas e notas indicam reconstruções e classificações discutidas.

Leitura da figura: caixas com data de “primeiro registro” não datam a origem falada. Proto-línguas são reconstruções; línguas históricas têm atestação. O omótico e partes da topologia semítica aparecem com cautela. A prancha vetorial integral é anexada ao PDF para ampliação sem perda.

20.1 Árvore textual com graus de consenso

Afro-Asiático — profundidade e origem debatidas

Egípcio

Berberes

Chádico

Cuchítico

Omótico? — inclusão contestada

Semítico

Semítico Oriental — acadiano, eblaíta

Semítico Ocidental

ramos etiópicos/sul-arábicos — topologia debatida

Semítico Central

Árabe

Semítico Noroeste

Ugarítico — posição interna discutida

Aramaico

outras variedades: samaliano, Deir Alla

Cananeu

Fenício/Púnico

Moabita

Amonita

Edomita

Hebraico

Não há “língua-mãe da humanidade” no topo. A raiz do gráfico é a família mais profunda relevante à classificação do hebraico que possui apoio comparativo, não a origem da linguagem.

21. Linha do tempo: ~10.000 a.C. a ~500 a.C.



Linha do tempo acadêmica. Faixas indicam estimativas; pontos indicam primeiros registros aproximados. Divergência não equivale a atestação.

Faixa/data	Evento linguístico	Estatuto
antes de ~10.000 a.C. até ~8.000 a.C.	Parte das propostas para Proto-Afro-Asiático; algumas chegam a ~18.000 a.C.	Extremamente incerto; não há consenso de relógio ou pátria
~4500-3500 a.C.	Faixa didática para Proto-Semítico; Huehnergard exige data não posterior ao fim do IV milênio	Reconstrução, não texto
~3300-3200 a.C.	Proto-cuneiforme mesopotâmico; provável sumério no desenvolvimento	Primeiro sistema escrito preservado, leitura linguística inicial limitada
~3250-3100 a.C.	Primeiros registros egípcios	Documentação muito antiga, ainda curta
~2600-2500 a.C.	Primeiros dados acadianos	Semítico oriental documentado
~2400-2300 a.C.	Arquivos de Ebla	Eblaíta e sumério em cuneiforme
fim do III/início do II milênio	Nomes amoritas e outros semitas ocidentais	Evidência onomástica, não corpus contínuo
~século XVII a.C.	Textos hititas	Mais antigo grande corpus indo-europeu
~século XV a.C.	Linear B micênico	Grego documentado
~séculos XIV-XIII a.C.	Ugarítico e cananeu de Amarna	Semítico noroeste anterior ao hebraico inequívoco
~séculos XI-X a.C.	Fenício inicial; Gezer/Qeiyafa e outros candidatos	Datas e classificação de peças individuais debatidas

Faixa/data	Evento linguístico	Estatuto
~século IX a.C.	Moabita e aramaico antigo; hebraico torna-se mais diagnosticável	Línguas regionais da Idade do Ferro
~século VIII a.C.	Samaria, Siloé e outros corpora hebraicos claros	Documentação firme
~séculos VII-VI a.C.	Laquis, Ketef Hinnom; expansão do uso escrito	Hebraico judaíta e tradições textuais
~500 a.C.	Hebraico e aramaico em ambientes imperiais/pós-exílicos	Nova fase sociolinguística

22. Tabela comparativa consolidada

Língua	Família	Primeiro registro aproximado	Ancestral reconstruído	Relação com hebraico	Observações
Sumério	Isolada	~3300-3200 a.C. (escrita arcaica)	Não demonstrado	Nenhuma genética	Contato intenso com acadiano
Egípcio	Afro-Asiático	~3250-3100 a.C.	Proto-Afro-Asiático, em modelos aceitos	Parente remotíssimo	Não é semítico
Acadiano	Semítico oriental	~2600-2500 a.C.	Proto-Semítico	Língua-irmã distante	Casos e outros arcaísmos
Eblaíta	Semítico oriental/próximo	~2400 a.C.	Proto-Semítico	Língua-irmã antiga	Classificação fina debatida
Amorita	Semítico ocidental antigo	~2300-1800 a.C. em nomes	Proto-Semítico/ocidental	Parente distante	Evidência sobretudo onomástica
Elamita	Isolada/não classificada	~2300 a.C.	Não demonstrado	Nenhuma genética	Proto-elamita anterior é indecifrado
Hurriano	Hurro-urartiano	nomes III milênio; textos II	Proto-Hurro-Urartiano	Nenhuma genética	Contato regional
Hitita	Indo-Europeu anatólio	~século XVII a.C.	Proto-Anatólio/Proto-Indo-Europeu	Nenhuma genética	Primeiro grande corpus IE
Grego micênico	Indo-Europeu helênico	~1450 a.C.	Proto-Grego/Proto-Indo-Europeu	Nenhuma genética	Linear B
Ugarítico	Semítico noroeste	~século XIV a.C.	Proto-Semítico noroeste	Língua-irmã	Preserva interdentais/casos
Cananeu de Amarna	Semítico noroeste	~século XIV a.C.	Antecedente cananeu	Parente/antecedente regional	Glosas em cartas acadianas
Chinês antigo	Sino-tibetano	~século XIII a.C.	Proto-Sino-Tibetano, reconstrução debatida	Nenhuma genética	Ossos oraculares
Fenício	Cananeu	~séculos XI-X a.C.	Proto-Cananeu	Língua-irmã próxima	Não descendente do hebraico

Língua	Família	Primeiro registro aproximado	Ancestral reconstruído	Relação com hebraico	Observações
Aramaico	Semítico noroeste	~séculos X-IX a.C.	Proto-Noroeste/Aramaico	Língua-irmã, não cananeia	Expansão imperial posterior
Moabita	Cananeu	~século IX a.C.	Proto-Cananeu	Língua-irmã muito próxima	Estela de Mesa
Hebraico	Cananeu	candidatos X; firme IX-VIII a.C.	Proto-Cananeu	—	Variedades israelita e judaíta
Árabe	Semítico central	dados antigos no I milênio a.C.	Proto-Árabe/Proto-Semítico central	Língua-irmã	Preserva interdentais/casos no clássico
Sul-arábico antigo	Semítico	corpus principal ~VIII-VII a.C.	Proto-Semítico	Parente distante	Posição interna discutida

23. Conclusão e veredito

23.1 Respostas às oito perguntas

1. O hebraico é a língua mais antiga conhecida?

Não, se “conhecida” significa documentada. Sumério, egípcio, acadiano, eblaíta, hitita, ugarítico e outras línguas possuem registros anteriores. Se “mais antiga” significa primeira língua falada, nenhuma língua pode receber esse título cientificamente. **Confiança: muito alta.**

2. É a língua escrita mais antiga conhecida?

Não. A escrita mesopotâmica e a egípcia aparecem no fim do IV milênio a.C.; a documentação hebraica diagnóstica é da Idade do Ferro. **Confiança: muito alta.**

3. É ancestral das demais línguas semíticas?

Não. Hebraico, acadiano, árabe, aramaico, ugarítico e as demais descendem de estágios comuns reconstruídos. Acadiano e outras línguas preservam características que o hebraico perdeu. **Confiança: muito alta.**

4. É ancestral das línguas afro-asiáticas?

Não. Hebraico é um subramo recente do semítico, que é apenas um ramo do Afro-Asiático. Egípcio, chádico, berbere e cuchítico não passam por um estágio hebraico. **Confiança: muito alta.**

5. Há evidência de que indo-europeu e outras famílias descendam do hebraico?

Não. Não há correspondências regulares, paradigmas herdados ou reconstruções intermediárias. As famílias possuem genealogias próprias. Semelhanças isoladas são explicadas por acaso, empréstimo, onomatopeia ou seleção. **Confiança: muito alta.**

6. Há evidência linguística de que Adão falou hebraico?

Não há evidência linguística independente. Os jogos de palavras provam a forma hebraica da narrativa, não a fala histórica de personagens primevos. Como proposição teológica, ela pode ser confessada; como conclusão linguística, não é demonstrada. **Confiança: alta sobre o estado da evidência; a proposição metafísica é não testável.**

7. Podemos determinar cientificamente a primeira língua humana?

Não com os dados e métodos atuais. A capacidade linguística é muito anterior à escrita, e o método comparativo perde resolução em profundidades muito menores. **Confiança: muito alta.**

8. Qual é a origem histórica do hebraico mais bem sustentada?

Uma variedade cananeia do Levante meridional, diferenciada dentro do semítico noroeste e documentada com crescente clareza na Idade do Ferro. Ela descende de Proto-Cananeu/estágios noroestes e, em nível mais profundo, de Proto-Semítico. **Confiança: muito alta na classificação; moderada nas datas exatas e em alguns nós internos.**

23.2 Veredito acadêmico final

O teste não encontra uma única falha isolada, mas convergência de seis linhas independentes. A fonologia reconstrói sons anteriores ao hebraico; a morfologia distribui arcaísmos por várias filhas; a epigrafia situa hebraico no contínuo cananeu da Idade do Ferro; a cronologia documenta outras línguas muito antes; a filogenia o aninha num ramo; e a história intelectual mostra que a identificação adâmica nasceu de exegese, não de comparação controlada.

Por isso, a afirmação “o hebraico histórico é a língua-mãe de todas as línguas” deve ser classificada como **incompatível com a evidência acadêmica disponível**, com confiança muito alta. A afirmação “Deus teria dado a Adão uma língua que uma tradição chama de hebraico” pertence ao domínio teológico e não pode ser confirmada ou negada por correspondências fonológicas. Se essa língua postulada não possuía os traços que definem o hebraico, contudo, chamá-la de “hebraico” é uma escolha confessional, não uma classificação linguística.

O resultado mais preciso não é “sabemos qual foi a primeira língua e não foi hebraico”. É: **não sabemos — e provavelmente não podemos recuperar — a primeira língua humana; mas sabemos o bastante sobre a história do hebraico para rejeitar sua identificação científica com a origem de todas as famílias conhecidas.**

Bibliografia acadêmica

Crítério bibliográfico

As referências abaixo foram conferidas em páginas de editoras, periódicos, repositórios institucionais ou cópias acadêmicas. DOI, ISBN e páginas aparecem somente quando confirmados; sua ausência não foi preenchida por inferência. Links institucionais são fornecidos para auditoria. Fontes populares mencionadas ao fim servem apenas para documentar alegações contemporâneas, não para sustentar o veredito.

Linguística histórica, método comparativo e filogenia

Campbell, Lyle. *Historical Linguistics: An Introduction*. 3. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013. xx + 538 p. ISBN 978-0-7486-4594-6.

Campbell, Lyle. "Language Isolates and Their History, or, What's Weird, Anyway?" *Proceedings of the 36th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* 36.1 (2010): 16–31. DOI [10.3765/bls.v36i1.3900](https://doi.org/10.3765/bls.v36i1.3900).

Gray, Russell D.; Atkinson, Quentin D.; Greenhill, Simon J. "Language Evolution and Human History: What a Difference a Date Makes." *Philosophical Transactions of the Royal Society B* 366 (2011): 1090–1100. DOI [10.1098/rstb.2010.0378](https://doi.org/10.1098/rstb.2010.0378).

Heggarty, Paul. "Prehistory by Bayesian Phylogenetics? The State of the Art on Indo-European Origins." *Antiquity* 88.340 (2014): 566–577. DOI [10.1017/S0003598X00101188](https://doi.org/10.1017/S0003598X00101188).

Munteanu, David. "Comparative Reconstruction Probabilistically." *Proceedings of the Annual Meetings on Phonology* (2022). [Texto acadêmico](#).

Rankin, Robert L. "The Comparative Method." In: Joseph, Brian D.; Janda, Richard D. (orgs.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 199–212. DOI [10.1002/9780470756393.ch1](https://doi.org/10.1002/9780470756393.ch1).

Hebraico, semítico e afro-asiático

Academy of the Hebrew Language. "Hebrew through the Ages"; "Eliezer Ben-Yehuda." Jerusalém, páginas institucionais, acesso em 8 ago. 2026. [Portal acadêmico.X](#)

Frajzyngier, Zygmunt; Shay, Erin (orgs.). *The Afroasiatic Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. ISBN 978-0-521-86533-3. [Trecho disponibilizado pela editora](#).

Glottolog 5.2. "Afro-Asiatic"; "Canaanite"; "Ancient Hebrew." Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, base continuamente atualizada, acesso em 8 ago. 2026. [Afro-Asiatic](#); [Canaanite](#); [Ancient Hebrew](#).

Gragg, Gene. "Semitic and Afro-Asiatic." In: Huehnergard, John; Pat-El, Na'ama (orgs.). *The Semitic Languages*. 2. ed. Londres/Nova York: Routledge, 2019, p. 22–48. DOI do livro [10.4324/9780429025563](https://doi.org/10.4324/9780429025563).

Huehnergard, John. "Proto-Semitic." In: Huehnergard, John; Pat-El, Na'ama (orgs.). *The Semitic Languages*. 2. ed. Londres/Nova York: Routledge, 2019, p. 49–79. DOI [10.4324/9780429025563-3](https://doi.org/10.4324/9780429025563-3).

Huehnergard, John; Pat-El, Na'ama (orgs.). *The Semitic Languages*. 2. ed. Londres/Nova York: Routledge, 2019. 772 p. ISBN 978-0-415-73195-9; e-book 978-0-429-02556-3. DOI [10.4324/9780429025563](https://doi.org/10.4324/9780429025563).

Khan, Geoffrey. "The Languages of the Old Testament." In: Paget, James Carleton; Schaper, Joachim (orgs.). *The New Cambridge History of the Bible, v. 1: From the Beginnings to 600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 3-21. DOI [10.1017/CBO9781139033671.004](https://doi.org/10.1017/CBO9781139033671.004).

Kogan, Leonid. "Proto-Semitic Vowels and Aspects of the Comparative Semitic Method." *Aula Orientalis* 23 (2005): 131-167. [Texto do periódico](#).

Pat-El, Na'ama; Wilson-Wright, Aren M. "The Features of Canaanite: A Re-evaluation." *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* 166 (2016): 41-55. [Texto acadêmico](#).

Pat-El, Na'ama; Wilson-Wright, Aren M. "Features of Aramaeo-Canaanite." *Journal of the American Oriental Society* 138.4 (2018): 781-806. DOI [10.7817/jameroriesoci.138.4.0781](https://doi.org/10.7817/jameroriesoci.138.4.0781).

Rubin, Aaron D. "The Subgrouping of the Semitic Languages." *Language and Linguistics Compass* 2.1 (2008). DOI [10.1111/j.1749-818X.2007.00044.x](https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2007.00044.x).

Rubin, Aaron D. "The Semitic Language Family." In: Aikhenvald, Alexandra Y.; Dixon, R. M. W. (orgs.). *The Cambridge Handbook of Linguistic Typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. DOI [10.1017/9781316135716.027](https://doi.org/10.1017/9781316135716.027).

Sáenz-Badillos, Angel. *A History of the Hebrew Language*. Trad. John Elwolde. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. ISBN 978-0-521-43157-6 (capa dura); 978-0-521-55634-7 (brochura). [Página da editora](#).

Suchard, Benjamin D. *The Development of the Biblical Hebrew Vowels: Including a Concise Historical Morphology*. Leiden/Boston: Brill, 2019. ISBN 978-90-04-39025-6; e-book 978-90-04-39026-3. [Página da editora](#).

Suchard, Benjamin D. "The Reconstruction of the Proto-Semitic Genitive Ending and a Suggestion on Its Origin." *Studia Orientalia Electronica* 9.1 (2021): 66-82. DOI [10.23993/store.98387](https://doi.org/10.23993/store.98387).

Wilson-Wright, Aren M. "The Canaanite Languages." In: Huehnergard, John; Pat-El, Na'ama (orgs.). *The Semitic Languages*. 2. ed. Londres/Nova York: Routledge, 2019, p. 509-532. DOI [10.4324/9780429025563-20](https://doi.org/10.4324/9780429025563-20).

Epigrafia, paleografia e línguas do Antigo Oriente Próximo

Ahituv, Shmuel. *Echoes from the Past: Hebrew and Cognate Inscriptions from the Biblical Period*. Trad./ed. Anson F. Rainey. Jerusalém: Carta, 2008. xiv + 512 p. ISBN 978-965-220-708-1.

Allen, James P. *The Ancient Egyptian Language: An Historical Study*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. ISBN 978-1-107-03246-0; brochura 978-1-107-66467-8. [Página da editora](#).

Finkelstein, Israel; Sass, Benjamin. "The West Semitic Alphabetic Inscriptions, Late Bronze II to Iron IIA: Archaeological Context, Distribution and Chronology." *Hebrew Bible and Ancient Israel* 2 (2013): 149-220. DOI [10.1628/219222713X13757034787838](https://doi.org/10.1628/219222713X13757034787838).

Hasselbach-Andee, Rebecca. "Akkadian." In: Huehnergard, John; Pat-El, Na'ama (orgs.). *The Semitic Languages*. 2. ed. Londres/Nova York: Routledge, 2019, p. 95-116. DOI do livro [10.4324/9780429025563](https://doi.org/10.4324/9780429025563).

Rollston, Christopher A. *Writing and Literacy in the World of Ancient Israel: Epigraphic Evidence from the Iron Age*. Archaeology and Biblical Studies 11. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2010. xix + 171 p. ISBN 978-1-58983-107-0.

Sass, Benjamin; Finkelstein, Israel. "The West Semitic Alphabet in the Early Iron Age: A New Hypothesis." *Near Eastern Archaeology* 86.1 (2023): 28-45. DOI [10.1086/723458](https://doi.org/10.1086/723458).

Wilson-Wright, Aren M. "Facts Matter: Language of the Earliest Alphabetic Inscriptions." *Journal of the American Oriental Society* 140 (2020): 705-714. [Página do periódico](#).

Woodard, Roger D. (org.). *The Ancient Languages of Syria-Palestine and Arabia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 284 p. ISBN 978-0-521-68498-9; e-book 978-0-511-48689-0. DOI [10.1017/CBO9780511486890](https://doi.org/10.1017/CBO9780511486890).

Woods, Christopher (org.). *Visible Language: Inventions of Writing in the Ancient Middle East and Beyond*. Oriental Institute Museum Publications 32. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2010. [Volume institucional](#).

Wright, Jacob L. *Why the Bible Began: An Alternative History of Scripture and Its Origins*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. ISBN 978-1-108-49093-1; e-book 978-1-108-85924-0. DOI [10.1017/9781108859240](https://doi.org/10.1017/9781108859240).

Gênesis, língua adâmica e história intelectual

Agostinho de Hipona. *The City of God*, livro XVI, cap. 11. Fonte primária; tradução inglesa de Marcus Dods. [Project Gutenberg.X](#)

Carr, David M. *The Formation of Genesis 1-11: Biblical and Other Precursors*. Nova York: Oxford University Press, 2020. ISBN 978-0-19-006254-5. DOI [10.1093/oso/9780190062545.001.0001](https://doi.org/10.1093/oso/9780190062545.001.0001).

Eco, Umberto. *The Search for the Perfect Language*. Trad. James Fentress. Oxford: Blackwell, 1995. ISBN 978-0-631-20510-4.

Eskhult, Josef. "Augustine and the Primeval Language in Early Modern Exegesis and Philology." *Language & History* 56.2 (2013): 98-119. DOI [10.1179/1759753613Z.00000000021](https://doi.org/10.1179/1759753613Z.00000000021).

Eskhult, Josef. "The Primeval Language and Hebrew Ethnicity in Ancient Jewish and Christian Thought until Augustine." *Revue d'Études Augustiniennes et Patristiques* 60.2 (2014): 291-347. [Registro institucional](#).

Fraade, Steven D. "Before and After Babel: Linguistic Exceptionalism and Pluralism in Early Rabbinic Literature and Jewish Antiquity." *Diné Israel* 28 (2011): 31-68. [Texto institucional](#).

Gousmett, Chris. "The Confusion of Language in the Interpretation of Genesis 11." *Evangelical Quarterly* 89.1 (2018): 34-50. DOI [10.1163/27725472-08901003](https://doi.org/10.1163/27725472-08901003).

Hendel, Ronald. *Genesis 1-11: A New Translation with Introduction and Commentary*. Anchor Yale Bible. New Haven: Yale University Press, 2024. ISBN 978-0-300-14973-9. [Página da editora](#).

Salvesen, Alison G. "'Hebrew, Beloved of God': The Adamic Language in the Thought of Jacob, Bishop of Edessa (c. 633-708 CE)." In: Stein Kokin, Daniel (org.). *Hebrew between Jews and Christians*. Studia Judaica 77. Berlim/Boston: De Gruyter, 2023, p. 49-66. [Repositório Oxford](#).

Sefaria. *Bereshit Rabbah* 18:4; *Babylonian Talmud, Sanhedrin* 38b. Edições digitais de fontes primárias, acesso em 8 ago. 2026. [Bereshit Rabbah 18:4](#); [Sanhedrin 38b](#).

Evolução da linguagem humana

Arnon, Inbal et al. "What Enables Human Language? A Biocultural Framework." *Science* (2025). DOI [10.1126/science.adq8303](https://doi.org/10.1126/science.adq8303).X

Miyagawa, Shigeru; DeSalle, Rob; Nóbrega, Vitor A.; Nitschke, Remo; Okumura, Maki; Tattersall, Ian. "Linguistic Capacity Was Present in the *Homo sapiens* Population 135 Thousand Years Ago." *Frontiers in Psychology* 16 (2025): 1503900. DOI [10.3389/fpsyg.2025.1503900](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.1503900).

Pagel, Mark. "Q&A: What Is Human Language, When Did It Evolve and Why Should We Care?" *BMC Biology* 15 (2017): art. 64. [Texto integral em PubMed Central](#).

Fontes populares usadas apenas para formular alegações

Answers in Genesis. "What Language Did Adam Speak?" [Página consultada](#). Usada como amostra de argumento confessional contemporâneo, não como fonte histórica.X

Petrovich, Douglas. "Hebrew as the Language behind the World's First Alphabet?" *Ancient Near East Today*, ASOR, 2017. [Texto da alegação](#). Avaliado à luz de Wilson-Wright (2020), Finkelstein e Sass (2013) e Rollston (2010).

Apêndice A. Escala de confiança usada

Nível	Significado neste dossiê
Muito alta	Convergência de métodos independentes; contestação marginal não altera o núcleo
Alta	Evidência direta ou comparativa forte, com limites identificáveis
Moderada	Melhor explicação atual, mas dependente de dados incompletos ou associação indireta
Baixa	Proposta possível, sem diagnóstico suficiente
Inconclusiva/não testável	Dados ou método não alcançam a proposição

Apêndice B. Checklist para avaliar novas alegações etimológicas

Antes de aceitar que uma palavra de outra língua "vem do hebraico", pergunte:

Qual é a forma mais antiga atestada em cada língua?

A correspondência sonora se repete em pelo menos dezenas de cognatos?

O significado antigo coincide sem metáfora improvisada?

Há morfemas gramaticais e paradigmas compartilhados?

A direção cronológica é possível?

Existe rota de contato que favoreça empréstimo?

A proposta foi comparada a reconstruções já existentes?

Ela prevê formas novas ou apenas reorganiza exemplos escolhidos?

Controla acaso, onomatopeia e palavras infantis?

Publica dados suficientes para que outro pesquisador possa refutá-la?

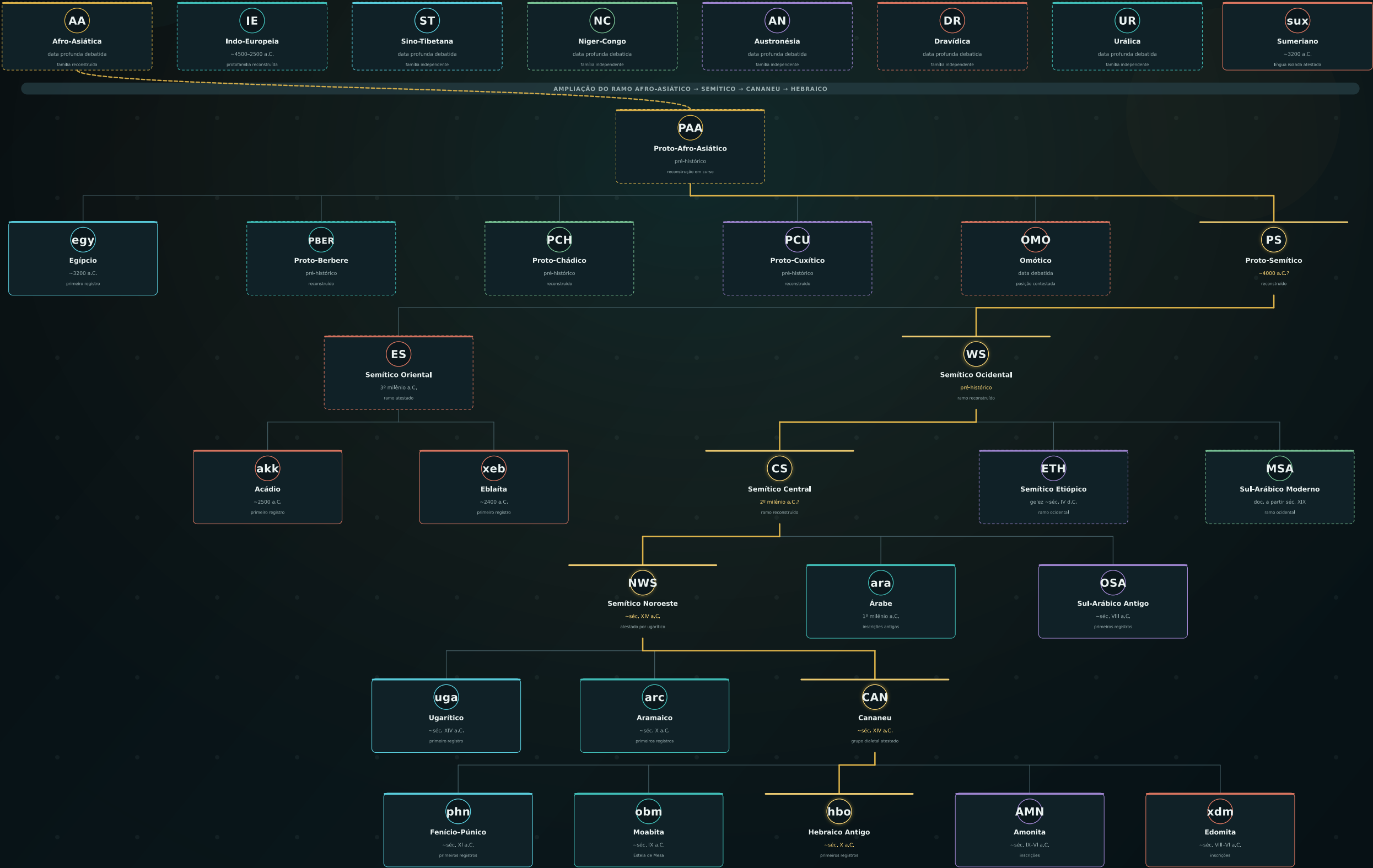
Uma resposta negativa a uma pergunta não encerra automaticamente a investigação. Um conjunto de respostas negativas, porém, impede que semelhança seja promovida a genealogia.

HEBRAICO NA ÁRVORE DAS LÍNGUAS

Um ramo cananeu — não a origem das línguas humanas

NÃO HÁ UM TRONCO GLOBAL DEMONSTRADO

Famílias separadas: a ciência não consegue ligá-las a uma única 'língua-mãe' comprovável.



HEBRAICO AO LONGO DO TEMPO

hbo antigo / bíblico
~séc. X-VI a.C.

QH Segundo Templo
~séc. III a.C.-I d.C.

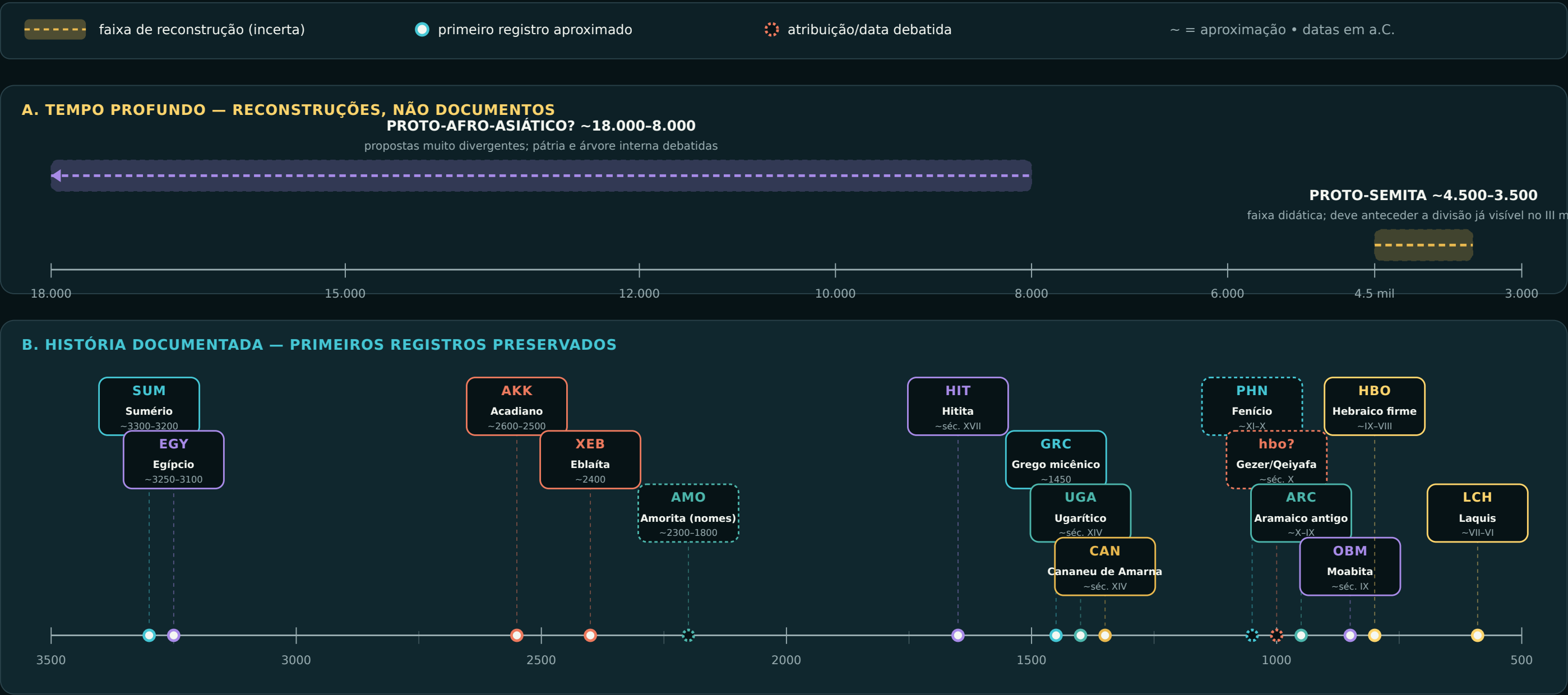
MH mishnaico/rabinico
~séc. I-VI d.C.

MED medieval
~séc. VI-XIX

heb moderno
revitalizado ~1880s

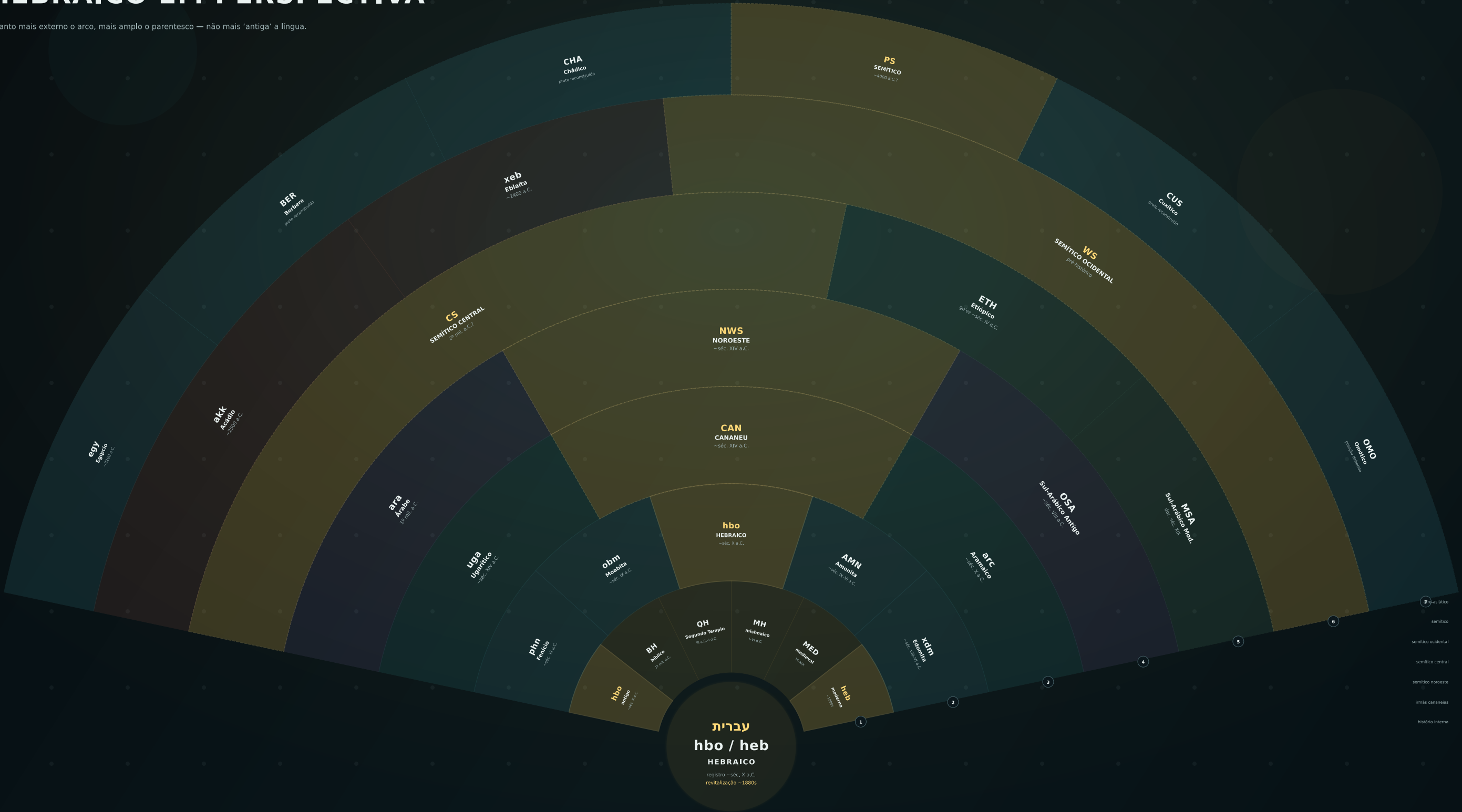
DA RECONSTRUÇÃO À ESCRITA

Proto-língua estimada ≠ primeiro registro escrito



HEBRAICO EM PERSPECTIVA

Quanto mais externo o arco, mais amplo o parentesco — não mais ‘antiga’ a língua.



ORDEM DOS PRIMEIROS REGISTROS PRESERVADOS



A cronologia escrita não revela a primeira língua falada; mas reflete que o hebraico seja o primeiro idioma documentado ou o tronco das famílias.